



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

**Faculdade de Formação de Professores**

**Departamento de Educação**

**A CONCEPÇÃO DE UNIVERSIDADE NO PENSAMENTO SOCIAL DE ANÍSIO  
TEIXEIRA**

**Maria Emília Pereira Limeira Martins**

**SÃO GONÇALO**

**2011**

**Maria Emília Pereira Limeira Martins**

**A CONCEPÇÃO DE UNIVERSIDADE NO PENSAMENTO SOCIAL DE ANÍSIO  
TEIXEIRA**

Monografia apresentada à Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado  
do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Graduada em  
Pedagogia

Orientador: Professor Doutor Jorge Antônio da Silva Rangel

SÃO GONÇALO

2011

**Maria Emília Pereira Limeira Martins**

**A CONCEPÇÃO DE UNIVERSIDADE NO PENSAMENTO SOCIAL DE ANÍSIO  
TEIXEIRA**

Monografia apresentada à Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado  
do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Graduada em  
Pedagogia

Aprovada em: \_\_\_\_\_

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_  
Professor Doutor Jorge Antônio da Silva Rangel

\_\_\_\_\_  
Professora Doutora Sônia Câmara Rangel

SÃO GONÇALO

2011

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

M386 Martins, Maria Emília Pereira Limeira.  
A concepção de universidade no pensamento social e Anísio  
Teixeira / Maria Emília Pereira Limeira Martins. – 2011.  
60f.

Orientadora: Jorge Antônio da Silva Rangel.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado  
do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação. 2. Teixeira, Anísio, 1900-1971. 3. Universidade. 4.  
Democracia. I. Rangel, Jorge Antônio da Silva. II. Universidade do  
Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores,  
Departamento de Educação.

**CDU 371**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho à minha família, em especial à minha mãe que, como melhor amiga, me deu força nos momentos em que mais precisei.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, por me dar força e determinação no decorrer da pesquisa e principalmente na fase final. Foram dias de cansaço e noite mal dormidas, mas que valeram a pena. Agradeço também pelas pessoas que conheci, pelas experiências por que passei ao longo do curso, momentos dos quais lembro com alegria e saudade. Penso que todos deveriam ter na vida a oportunidade de ingressar numa universidade, pois foi uma experiência que muito me acrescentou como ser humano, a ver o mundo de uma forma que só quem vive pode entender.

Agradeço aos meus pais, Alfredo e Maria, pelo apoio e por me darem condições de lutar em busca dos meus objetivos. Aos meus avós, Nilton e Emília, pelas conversas e por acreditarem em mim. Meus irmãos, Arthur e Matheus, por me compreenderem.

Ao meu orientador, Professor Doutor Jorge Antônio (Fidel) pela paciência na orientação e pelo bom humor sempre presente em tudo o que faz. E à sua esposa, Professora

Doutora Sônia Câmara, pelas dicas de pesquisa. Hoje tenho vocês mais do que como professores, os vejo como amigos. Obrigada por acreditarem em mim!

Aos meus amigos e familiares em geral, pelo apoio e principalmente pela paciência das minhas ausências em alguns (tantos) eventos.

Aos amigos da minha jornada na vida acadêmica, pois vocês foram fundamentais para que essa fase se concluísse. Foram tantas coisas que passamos, entre risos e brigas, que depois também se tornavam motivo de risos... Por vezes, eram vocês que me incentivavam a acordar cedo e ir pra faculdade, tornando meus dias sempre mais agradáveis. Em especial agradeço à Jennifer Lemos, Tatiane Ferreira, Natasha Hermida, Luciano Franklin e Igor Machado. Sei que fiz amigos de verdade!

Várias pessoas me ajudaram, cada um a sua maneira. A todos: Muito obrigada!

## **EPIGRAFE**

“Nascemos fracos,

precisamos de força;  
Nascemos desprovidos de tudo,  
temos necessidade de assistência;  
Nascemos estúpidos,  
precisamos de juízo.  
Tudo o que não temos ao nascer,  
e de que precisamos adultos,  
é-nos dado pela educação.”  
(Jean Jacques Rousseau)

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo reconstruir a identidade social do educador Anísio Teixeira, de forma a entender como ele pensou a questão da Universidade em nosso país, chegando à criação da Universidade do Distrito Federal (UDF), criada no ano de 1935 e extinta em 1939, durante o período autoritário que ficou conhecido como Estado Novo. Para tanto, é feita uma retrospectiva pelo contexto histórico do Brasil com as tentativas de criação de universidades desde o período Imperial, onde situamo-nos sobre como era pensada esta questão pelos diversos setores da sociedade, e as correntes de pensamento que influenciaram positiva ou negativamente de forma que se corporificasse esta instituição no país. Num segundo momento, passamos pela história do pensador Anísio, desde a sua infância, de forma a entender o que motivou esse personagem a enveredar para a área da educação da forma como o fez e o que possibilitou que ele colocasse em prática o que almejava, passando pelas suas redes de relacionamentos, as culturas com as quais entrou em contato, os lugares



por que passou e o próprio lugar onde foi instituída a UDF. É dele a primeira ação direcionada à criação de uma universidade mais livre e autônoma que, juntamente, com outros intelectuais, corporifica seu ideal com a criação da Universidade do Distrito Federal.

Palavras-chave: Anísio Teixeira; universidade; democracia.

## **SUMÁRIO**

<b>Introdução.....</b>	<b>10 – 11</b>
<b>Capítulo 1 – O contexto.....</b>	<b>11 – 21</b>
<b>Capítulo 2 – Anísio Teixeira: A Biografia.....</b>	<b>22 – 44</b>
<b>2.1 – A influência Norte-americana.....</b>	<b>32 – 44</b>
<b>Capítulo 3 – Anísio e a Criação da UDF.....</b>	<b>45 – 51</b>

**Conclusão..... 51 - 52**

**Referências Bibliográficas..... 53 - 56**

## **INTRODUÇÃO**

A escolha do tema deste trabalho não se deu com facilidade. A princípio escreveria sobre um tema baseada em uma experiência em um projeto de pesquisa do qual fiz parte. Cheguei a pesquisar algumas coisas, mais tarde saí do projeto, acabei ficando meio sem direção. Peguei outro tema, que tinha a ver com o anterior, porém mais direcionado. A idéia de escrever sobre Anísio Teixeira e seu pensamento sobre a universidade foi também um desdobramento das pesquisas que já haviam sido realizadas. Acho incrível como o processo de pesquisa toma rumos inesperados.

*A “interpretação” antiga se torna, em função do material produzido pela constituição de séries e de suas combinações, a evidenciação dos desvios relativos quanto aos modelos. (...) Poder-se ia dizer que a formalização da pesquisa tem, precisamente, por objetivo produzir “erros” – insuficiências, falhas – cientificamente utilizáveis. (...) A pesquisa muda de front. Apoiando-se nas totalidades formais, propostas decisoramente, ela se volta para os desvios que as combinações lógicas das séries revelam. (...). (CERTEAU, 1999, p.85-86)*

Chegamos a receber na faculdade, convidada pelo NIPHEI, grupo de pesquisa do qual faço parte, Clarice Nunes, que tem uma obra muito interessante sobre a vida desse educador, contando toda sua história e realizações no campo educacional. Na época não imaginava ainda escrever sobre ele, mas gostei muito da palestra. Mais tarde ouvi a sugestão de direcionar minha pesquisa ao tema das universidades e o pensamento deste educador na criação da UDF e, como já tinha um pouco a ver com as pesquisas realizadas, tomei como meu projeto. Ter como referência um personagem, em paralelo com a idéia de criação de uma universidade que foi diversa das poucas existentes em nosso país naquela época, exigiu a apropriação da história de Anísio, as redes de relacionamento, os lugares, as influências; tudo o que pudesse dar margem para que ele executasse o que pensava. Para isso, tive como principais fontes o livro da Clarice, “Anísio Teixeira: A Poesia da Ação”, assim como fontes documentais nos acervos do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) e do Programa de Estudos e Documentação Educação e Sociedade (PROEDES).

Este foi um diferencial deste projeto para com os que eu tinha anteriormente: estudar a obra do educador. Tomar a biografia de Anísio foi muito interessante, porque estudando os temas centrais do que foi realizado por um personagem, superficialmente, temos uma visão, mas tendo como proposta entender sua visão social, é entender como pensa, com quem articula para pensar de tal maneira; e assim enveredamos para uma parte que não é só profissional, é pessoal. Ter acesso aos arquivos pessoais do educador, ler cartas trocadas com amigos, por exemplo, nos faz entender que as coisas não aconteceram com facilidade, que ele passou por dificuldades, teve receios, mas sempre lutou pela causa da educação. Faz-nos ter a visão que ele tinha sobre a nossa sociedade àquela época, de como era retrógrada se comparada a outros países, para ele que teve oportunidades de viajar aos Estados Unidos e Europa, conhecer o que tinha de mais avançado não só em educação como em muitas outras áreas. Passar pela história deste educador e suas realizações, com as várias leituras que fiz e fontes consultadas, me fez pensar tanto sobre a Universidade como outras instituições em nosso país, e conhecer este passado me fez entender melhor sobre como são hoje, e como a própria sociedade progrediu em muitos âmbitos, embora não tenha ainda chegado ao estágio dos países mais desenvolvidos.

Parte da sociedade mesmo, durante o Império, era resistente à criação de universidades em nosso país, “não viam justificativa para a criação de uma instituição desse gênero na

Colônia, considerando mais adequado que as elites da época procurassem a Europa para realizar seus estudos superiores”. (MOACYR *apud* FÁVERO, 2006, p.20) Mais tarde, ainda durante o Império, são criados cursos em institutos isolados e em poucos estados da federação. “Não existia uma política integrada entre o governo central e o que se fazia nas províncias, o que nutria não só um caráter heterogêneo para a educação brasileira da época como também mostrava, para qualquer viajante, uma imensa alteração de qualidade da educação de província para província.” (GUIRALDELLI, 2008, p.29)

As décadas de 20 e 30 são uma referência histórica fundamental na educação brasileira, período em que se começou a alterar mais profundamente as estruturas da sociedade, que vinha evoluindo em vários aspectos, exigindo modernizações. Estas envolveram muitos educadores e muitos acontecimentos no campo educacional. Vimos que a educação passa a ser vista como principal fator de mudança e ascensão social, assim como é tomada pelas elites dirigentes como forma de exercer o controle sobre as massas. A educação passa a ser em certo ponto, instrumento de poder.

## **Capítulo 1 - O Contexto**

O processo de criação de Universidades brasileiras foi marcado por uma série de acontecimentos, e inspirado por correntes do pensamento social brasileiro, entre elas, o liberalismo, o positivismo e o catolicismo que por vezes se opunham, principalmente, com relação à discussão da liberdade de ensino. Foi um processo demorado, um dos mais tardios, onde muitas tentativas não tiveram êxito. Assim, a questão da criação de universidades emerge com maior força depois da vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil. Havia a necessidade de colocar o país em pé de igualdade com outras nações mais desenvolvidas, uma vez que o Rio de Janeiro passou a ser a sede do reino português. Durante o Império do Brasil foram criadas as Faculdades de Direito de Olinda e São Paulo, as Faculdades de Medicina do Rio e da Bahia e a Academia Real Militar, ainda não reunidas sob a forma universitária, a exemplo da instituição portuguesa, em que as faculdades eram formadas por institutos isolados. O principal motivo do atraso na implantação de Universidades no país foi o choque entre as idéias que a defendiam, pois cada doutrina defendia interesses próprios.

Para Roque Spencer,

*O maior obstáculo que a implantação da Universidade encontrou no País foi a defesa, nem sempre muito esclarecida, das liberdades de pensamento e de ensino, além do temor liberal da centralização política da vida da nação (BARROS, 1997 apud ORSO, 2001, p. 1)*

O tema central da discussão girava em torno da liberdade de ensino, pois quando se falava em universidade durante o Império, a idéia era o modelo napoleônico que era extremamente centralizador com sua proposta de exclusão das faculdades existentes na França. Essa proposta previa a criação de uma universidade na corte e, portanto, sob a mira do poder. Um exemplo são os projetos de criação de universidades de 1823 e 1847, onde o primeiro previa a extinção das faculdades provinciais com a criação de uma Universidade na Corte; e o segundo que não excluía as provinciais, mas subordinava-as à Instituição Central, que funcionava na Corte.

*(...) não seria exagero inferir que Portugal exerceu, até o final do Primeiro Reinado, grande influência na formação de nossas elites e monárquico, foram malogrados, o que denota uma política de controle por parte da Metrópole de qualquer. Todos os esforços na criação de universidades, nos períodos colonial iniciativa que vislumbrasse sinais de independência cultural e política da Colônia. (FÁVERO, 2000 apud FÁVERO, 2006, p.20)*

A idéia da universidade acabava sendo o oposto da idéia de liberdade de ensino. Foi o germanismo pedagógico que trouxe a idéia de que, junto com a universidade, poderia haver tal liberdade, apesar de não haver sido implantado. Mesmo assim, a proposta que se tinha de universidade era centralizadora, o que impedia que as correntes a favor dela manifestassem suas idéias, fazendo com que elas próprias passassem a não apoiar a universidade. Por esse contexto, os liberais defendiam a liberdade de ensino que a uma universidade controlada pelo governo não caberia usufruir; enquanto os católicos apoiavam uma “liberdade de ensino” para a Igreja, fazendo com que aumentassem os quadros intelectuais destinados ao projeto religioso. (ORSO, 2001, p.06-07)

As idéias científicas exercem grande influência no pensamento latino-americano. Dentro dessa corrente, ganha terreno no Brasil a doutrina positivista de Augusto Comte, que se iniciaria com a penetração de suas obras nas escolas politécnicas e militares. Os positivistas eram contrários à instituição de universidades, acusando-a de ser elitista e promotora de saber ornamental. Preconizavam a liberdade de ensino, mas, para PAIM

observa-se claramente sua oposição porque a universidade não promoveria o pensamento positivista. Comte, idealizador da doutrina, propunha que no estágio superior de entendimento dos fenômenos (no caso, eram três – o teológico, o metafísico e o positivo), a sociedade deveria ficar sob a tutela de uma classe sacerdotal. Enquanto, segundo eles, a sociedade encontrava-se no estado metafísico, não seria oportuna a instituição das universidades que, para eles, seria instituída no momento certo – o estado positivo – por eles próprios, a única classe capaz para tanto. (PAIM, 1981, p. 18) Diante de forte influência positivista em muitos setores, houve certo esfriamento das discussões em torno da criação de universidades no país durante as primeiras décadas da República, retomadas pouco depois.

Vimos que, na verdade, eles não eram contrários a essa instituição, mas defendiam que não era o momento certo, que a sociedade, para eles, não estava preparada. No Brasil, predominava uma cultura positiva baseada no autoritarismo, que melhor condizia com a direção em que evoluía a humanidade, de acordo com esta concepção. Não tomemos como único o significado e as aspirações da doutrina positiva. Ela era variável de acordo com cada lugar. Na Argentina, por exemplo, era de cunho liberal, ao contrário da nossa.

*Esta é uma hipótese de leitura: a variabilidade da interpretação dos positivismos é devedora e está marcada pela própria interpretação que os positivismos fizeram das realidades nacionais e, especialmente, pelas suas reconstruções históricas. Assim, levando-se em conta a forma pela qual os positivistas diagnosticaram o presente e apresentaram suas propostas de futuro, é estratégico o modo como se situaram em relação a cada história nacional e, em especial, em relação aos confrontos em torno de sua construção. (LOVISOLO, 1992, p.2)*

Ater-me-ei, porém, ao nosso caso, onde era predominante o comtismo. A esta idéia de postergar a instituição das universidades, atribui-se aos positivistas a principal responsabilidade pelo atraso no desenvolvimento das ciências no país.

*Entretanto, a prédica positivista teria efetivamente contribuído para retardar a emergência da universidade brasileira. Acompanhando Comte, tanto ortodoxos (ou autoritários) quanto heterodoxos (ou democráticos) insistiram sobre a não-competência do Estado no campo universitário, especialmente por causa da anarquia na arena das idéias que impediriam um espírito e uma ação universitária coerentes e homogêneas. Os positivistas assim teriam contribuído para o atraso na criação de universidades no Brasil, cuja implementação apenas passaria a ser cogitada de modo “positivo” nos anos 20, após a reação contra a concepção de ciência comtiana e a formação do movimento educacional liderado pela Associação Brasileira de Educação (ABE). (LOVISOLO, 1992, p.10)*

Alguns autores que apóiam o autoritarismo fazem uma análise científica que permite a crítica das propostas liberais, no nosso país, como ilusórias. Quer dizer que, nem tudo o

que é visto como favorável a outro país pode ser da mesma forma aplicado no nosso, pois teriam de haver adaptações às realidades da nossa sociedade.

*Assim, haveria um país real, que os construtores do autoritarismo declaram conhecer cientificamente, contraposto a um país ideal, inventado ou copiado pelos ideólogos “liberais”. O problema, então, é o da inexistência de adequação entre o país real e o “idealismo na constituição”. A sociografia científica do país real indicaria que as instituições liberais não lhe são adequadas. Essa falta de adequações sociais, econômicas e culturais apenas poderá ser superada pela ação de um Estado autoritário, que pode ser um “instrumento” de mediação e construção das condições adequadas às instituições políticas liberais. (LOVISOLO, 1992, p.8)*

Em meados das décadas de vinte e trinta, com as mudanças que vinham ocorrendo no país, como o fim da Primeira Guerra, a passagem da sociedade agrário-escravocrata para a sociedade urbano-industrial acompanhadas por reformas na instrução pública emerge novamente a questão da criação de universidades. Entre os grupos favoráveis à criação de Universidades que defendiam a mesma como lugar da ciência e de pesquisa estavam os porta-vozes da Academia Brasileira de Ciências e da Academia Brasileira de Educação, dentre os quais estavam: Jonatas Serrano, Francisco Venâncio Filho, Alcides Bezerra, Mendes Pimentel, Amoroso Costa, Ferdinando Laboriau, Vicente Licínio Cardoso, entre outros.

Os partidários de Tobias Barreto, defensor das idéias positivistas de Comte no Brasil, eram bacharéis de direito, portanto não tinham os conhecimentos científicos necessários à discussão sobre a universidade, passando a questão para a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde o movimento em reação aos positivistas inicia-se com Otto de Alencar, tendo entre seus seguidores Amoroso Costa, que mostra como as teorias comtianas eram ultrapassadas.

*Na própria história da ciência no Brasil pode ser vista a incidência do positivismo comtiano. Afirma-se que, no plano da orientação da produção científica, sua força teria sido um empecilho ao desenvolvimento da ciência por sua pretensão de havê-la concluído. Os historiadores salientam o papel de abertura realizado pelas críticas de Otto de Alencar e Amoroso Costa no seio da Academia de Ciências e, ainda em 1925, a importância da visita de Albert Einstein ao Brasil, para remover os obstáculos do comtismo, embora as reações a suas teorias continuassem sendo fortes entre os comtianos). De modo geral, a remoção de sua influência se apresenta como condição ao desenvolvimento da idéia de ciência aberta, nunca concluída no Brasil. (LOVISOLO, 1992, p.04)*

Formada por professores da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Ciências, criada em 1916, desempenhou uma função cultural e intelectual no país, agindo para promover a ciência. Mais do que de praticá-la, o desenvolvimento e difusão científica reagia contra o atraso intelectual do país, abrindo frente à penetração das

idéias modernas no espaço institucional escolar. Em 1923, em reação aos positivistas, abriria frente à criação de uma universidade que desse lugar ao culto da ciência pura, sem vínculos imediatos com a aplicação. Neste sentido, em vista da reforma do ensino de que se cogitava, sugeriu ao ministro do Interior a criação de uma Faculdade Superior de Ciência. (PAIM, 1981, p. 26)

Na Associação Brasileira de Educação (ABE), a discussão acerca da questão da universidade foi incumbida à seção de Ensino Técnico e Superior. Em 1926, tal seção realizava cursos de alta cultura e especialização com número reduzido de aulas e de pessoas, com cunho de curso superior. Mais tarde, esta atividade passou a ser denominada extensão universitária. Para Amoroso Costa, um dos ministrantes dos cursos, eles “não se destinam apenas a divulgar tais ou quais conhecimentos, por mais úteis e interessantes que estes sejam; sua finalidade consiste em despertar o gosto pelos estudos de toda a ordem e criar um ambiente favorável ao desenvolvimento desses estudos (...)”. (PAIM, 1981, p. 30-31)  
Segundo Paim, a ABE:

*liderou o movimento em prol da universidade, graças ao qual se formou entre os educadores brasileiros uma acepção de universidade que serviu, de um lado, para unificá-los, e, de outro, para assegurar que essa idéia se mantivesse e acabasse vingando no decênio subsequente, em que pese o desinteresse oficial.* (PAIM, 1981, p. 31)

Pela ABE foram promovidas anualmente Conferências Nacionais de Educação, onde se discutiam questões relacionadas à educação no país. Na I Conferência Nacional de Educação, realizada em 1927, ainda observamos dificuldades na discussão das idéias modernas de universidade. Esta conferência foi presidida por Fernando Magalhães, de caráter cívico-nacionalista; utilizando-se, mascaradamente, de discursos de controle sob o povo. Ele mesmo incumbiu-se do quarto tema, voltado ao Ensino Superior, encaminhando como crítica a esta política. Como não era vedado apresentar teses sobre temas não estipulados, Amoroso Costa, estrategicamente, apresenta tese dedicada ao Ensino Superior, intitulada “As Universidades e a Pesquisa Científica”. (CARVALHO, 1986, p.225-227)

Na II Conferência Nacional de Educação, realizada na Cidade de Belo Horizonte, Estado de Minas Gerais, de 4 a 11 de novembro de 1928, teve posição de destaque o relatório de Tobias Moscoso, sob o título “Sobre o Problema Universitário”, acerca do novo sentido em que deveria encaminhar o ensino superior, através da organização da



universidade. Nesse relatório, Tobias fala sobre a separação entre o ensino profissional e as atividades científicas:

*Entendo que, ao criarmos as universidades, deveremos nitidamente distinguir dentro delas duas orientações: (...) a técnica e a científica. A primeira levará à formação da perícia na aplicação da vida prática, profissional, da ciência adquirida, mediante o conhecimento dos preceitos e processos econômicos ótimos, considerados em geral e particularmente em relação ao nosso país. A segunda visará a competência na investigação científica e na contribuição ao avanço da ciência... tudo, quanto oportuno, dirigido especialmente para os fatos do Brasil. (...). (PAIM, 1981, p. 38)*

Ainda na II Conferência, a Universidade de Minas Gerais também se manifesta sobre o assunto, afirmando que “as universidades brasileiras deviam receber plena autonomia econômica, didática, administrativa e disciplinar, e a sua viabilidade devia ser garantida por um custeio independente.” Para SCHWARTZMAN, o conceito de autonomia permitia a diferenciação entre as universidades. Ao dispor de autonomia, cada qual poderia se adequar às necessidades das comunidades que as cercam, agindo em benefício das mesmas, promovendo a cultura. (SCHWARTZMAN, 2001, cap. 5, p. 07)

A III Conferência, realizada em São Paulo, embora tratasse fundamentalmente do ensino secundário, não deixou de ter como um de seus temas o papel da universidade, buscando estabelecer quais as suas funções primordiais. Dessa forma, a ABE promoveu ainda um inquérito de grande relevância na discussão sobre o ensino universitário no país, intitulado “O problema Universitário”. Foram formuladas algumas questões acerca do tema, onde personalidades representativas de alguns estados se pronunciavam, e teses foram publicadas. Faziam parte da Comissão Dirigente do Inquérito: Domingos Cunha, Levi Carneiro, Roquete Pinto, Ferdinando Laboriau, Inácio Azevedo Amaral, Raul Leitão da Cunha e Vicente Licínio Cardoso. O inquérito e suas teses são publicados em 1929, pelo jornal O Estado de São Paulo. O problema universitário é discutido também, sob vários ângulos, no Congresso de Ensino Superior, realizado no Rio de Janeiro em 1927, em comemoração ao centenário dos cursos jurídicos. (PAIM, 1981, p.33-36)

*No debate considerado discutiram-se preferentemente estes temas: a) que funções deve ter a Universidade, isto é, que modalidade de ensino incumbe-lhe ministrar e que formação dará àqueles que freqüentem seus cursos; b) qual a vinculação a ser estabelecida com a entidade mantenedora, ou, mais explicitamente, de que níveis de autonomia deve desfrutar; e, c) como se deve estruturar o seu governo. Às funções da Universidade vincula-se a definição dos institutos que a compõem. (...) (PAIM, 1981, p.36)*

Nas realizações que notabilizaram a ABE, “modulados pela retórica do civismo”, “civismo de elites idealistas e devotadas às causas nacionais; civismo do povo laborioso e ordeiro, dedicado à produção de riquezas”, podemos observar o caráter extremamente elitista e de exercício de poder da classe dirigente sob a população. Tinha um projeto de modulação de como deveria ser o cidadão brasileiro. Na defesa da criação de universidades, na qual a ABE exerceu grande influência, vimos que a proposta era de uma instituição voltada para o que seriam as elites dirigentes do país, como uma forma de controle do povo que, tendo limitada sua instrução, não se rebelaria contra as injustiças sociais, cabendo-lhes os trabalhos mais árduos, necessários para a manutenção de um sistema excludente e a transformação do país através da educação. Vimos que a educação torna-se, então, instrumento de poder.

*(...) futuro de glórias ou de pesadelos, na dependência da ação condutora de uma elite que direcione, pela educação, a transformação do país. Na oposição construída por imagens de um país presente condenado e lastimado e de um país futuro desejado, é que se constitui a importância da educação como espécie de chave mágica que viabilizaria a passagem do pesadelo para o sonho. (...) a figura de um brasileiro doente e indolente, apático e degenerado, perdido na imensidão do território nacional – Jeca Tatu, em cuja representação exemplar confluem determinismos cientificistas de ordem vária – representa, alegoricamente, a realidade lastimada. (CARVALHO, 1986, p. 94)*

Durante a Primeira República, as elites econômicas de Minas Gerais e de São Paulo tinham um acordo político de manutenção do *status quo* que ficou conhecido como “política do café com leite”, onde essas elites, em particular, as da região sudeste, se alternavam no poder do Estado. A política “Café com Leite” ruiu em 1930, gerando a oportunidade de outras regiões do país, a exemplo, do Rio Grande do Sul e de regiões do Nordeste brasileiro, em especial, o Estado da Paraíba, ascender aos poderes da República através do que ficou conhecido como “A Revolução de 1930”, que conduziu Getúlio Vargas ao poder. (GHIRALDELLI JR, 2008, p.39)

Segundo GUIRALDELLI JR., a essa época o Brasil vinha crescendo consideravelmente em termos de urbanização e conseqüentemente no número de habitantes, o que fazia com que a população de classe média exigisse mais educação. Vargas, como chefe do Governo Provisório, trouxe a público então um plano de dezessete itens para a reconstrução nacional, onde o item três tratava sobre educação: “difusão intensiva do ensino público, principalmente técnico-profissional, estabelecendo, para isso, um sistema de estímulo e colaboração direta com os Estados; para ambas as finalidades, justificar-se-ia a criação de um Ministério da Instrução e Saúde Pública, sem aumento de despesas.”

(GHIRALDELLI JR., 2008, p. 40) Para tal, a gestão do Ministério ficou sob a responsabilidade de Francisco Campos.

Pois bem: a Reforma Francisco Campos delinea as características próprias de uma Universidade. Em 1931, pelo decreto 19.850, criou o Conselho Nacional de Educação; no decreto 19.851, instituiu o Estatuto das Universidades Brasileiras, que dispunha sobre a organização do ensino superior no Brasil e adota o regime universitário; e no 19.852, dispõe sobre a organização da Universidade do Rio de Janeiro. (GHIRALDELLI JR., 2008, p. 40)

Por esse aspecto, a Universidade para Francisco Campos seria:

*... [uma] instituição administrativa e educacional que une toda a educação superior sob uma única liderança intelectual e técnica, seja o seu ensino de natureza pragmática e profissional ou puramente científica, sem aplicação imediata, com o duplo objetivo de proporcionar à elite da nação um treinamento técnico, e criando ao mesmo tempo um clima propício para que os talentos puristas e especulativos persigam a sua meta, indispensável para o crescimento cultural da nação --- a investigação e a ciência pura. (SCHWARTZMAN, 2001, p. 10)*

Para atingir tais objetivos, seria preciso que a universidade fosse voltada, a princípio, somente à pesquisa científica, sem vistas à formação profissional; além da necessidade da autonomia, o que, para o momento, era inviável. “[...] Para tanto, eram necessárias duas condições: autonomia Universitária e a criação de instituições voltadas principalmente à pesquisa, e não ao ensino profissional. Ao criar a base para essas duas condições, ficava claro que o ideal de Campos estava muito longe do real; (...) uma vez que a autonomia exige prática, experiência e diretrizes claras, o que o ambiente imaturo da nação presumivelmente não tinha.” A reforma foi orientada claramente, ao prever uma única liderança intelectual e técnica, para paralisar o movimento favorável a um sistema universitário baseado em comunidades científicas organizadas de forma autônoma, como era defendido por setores da ABE e ABC. (SCHWARTZMAN, 2001, p.11)

O Ministro Francisco Campos promulga ainda, em 1931, o Estatuto das Universidades Brasileiras, que previa a submissão das universidades ao Conselho Nacional de Educação, que se reportava diretamente a ele próprio, moldando o ensino universitário no país, o que estava longe de responder ao ideal da autonomia universitária.

*Art. 9º As universidades gozarão de personalidade jurídica e de autonomia administrativa, didática e disciplinar, nos limites estabelecidos pelo presente decreto, sem prejuízo da personalidade jurídica que tenha ou possa ser atribuída pelos estatutos universitários a cada um dos institutos componentes da universidade.*

*Parágrafo único. Nas universidades oficiais, federais ou estaduais, quaisquer modificações que interessem fundamentalmente a organização administrativa ou didática dos institutos universitários, só poderão ser efetivadas mediante sanção dos respectivos governos, ouvido o Conselho Nacional de Educação. (Estatuto das Universidades Brasileiras, 1931.)*

Com efeito, a centralização e burocratização, na Capital da República, com a Revolução de Outubro, mina, progressivamente, as tentativas de organização de uma atividade científica e universitária mais autônoma e independente. Isto afetou várias instituições, como a UDF, que não se firma, o Museu Nacional e o Instituto Manguinhos. Ao governo interessava manter no Rio de Janeiro as atividades técnicas e práticas, sob seu poder; e às classes mais altas, formadas pelas oligarquias de base rural caberia a formação de seus homens cultos e os profissionais liberais. Com o controle exercido pelo governo na Capital, era inviável a manutenção de instituições livres. (SCHWARTZMAN, 1982, pág.01-03)

Em 1931, na ocasião da IV Conferência Nacional de Educação, Getúlio Vargas, então Chefe do Governo Provisório, solicitava dos educadores a apresentação de uma filosofia de educação para o país. O documento, que foi nomeado Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, estruturava, entre outros temas relativos à educação nacional, a concepção do que deveria ser a universidade por parte de seus integrantes. Nele, é criticado o fato de, no país, a educação superior ter sido sempre vista estritamente como para a formação profissional, posta exclusivamente a serviço das profissões liberais (engenharia, medicina, direito), o que não lhe dá um caráter essencialmente universitário. “(...) impõe-se a criação, ao lado das faculdades existentes, de faculdades de ciências sociais e econômicas, de ciências matemáticas, físicas e naturais, e de filosofia e letras que, atendendo à variedade de tipos mentais e das necessidades sociais, deverão abrir as universidades que se criarem ou se reorganizarem, um campo cada vez mais vasto de investigações científicas.” Discorre ainda sobre a questão da educação como “uma função essencialmente pública”; “a questão da escola única”; “a laicidade, gratuidade, obrigatoriedade e coeducação”; “a unidade da função educacional”; “a autonomia” e a “descentralização”. (MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA DE 1932 In: GHIRALDELLI, 2008, pp.226-250 )

Para Fernando de Azevedo, Relator do Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, a nova concepção deverá impulsionar a universidade a fornecer os meios de combate contra as atitudes intelectuais que lhe são opostas, as quais são assim nomeadas:

*o cepticismo de nada escolher nem julgar; a falta de crítica, por falta de espírito de síntese; a indiferença ou a neutralidade no terreno das idéias; e, por fim, a ignorância da mais humana de todas as operações intelectuais, que é a de tomar partido, e a tendência e o espírito fácil de substituir os princípios (ainda que provisórios) pelo paradoxo e pelo humor, esses recursos desesperados.*(GHIRALDELLI, 2008, p. 244)

Para conferir vida a um projeto de educação nacional que habilitasse as novas gerações na construção de um país moderno e civilizado, era preciso constituir uma cultura universitária assentada na disciplina científica e que vislumbrasse além da transmissão da cultura, a necessidade da formação profissional e da preparação de especialistas nas diferentes áreas do conhecimento, sem, no entanto perderem o referencial da cultura geral que lhes permitia ampliar o seu olhar investigativo sobre a sociedade e seus problemas. (CÂMARA, 2003, p.37) No Manifesto, dirigido “ao povo e ao governo”,

*(...) quem seria o povo num país marcado pela grande chaga do analfabetismo? Entre o povo leitor dos jornais da época em que o Manifesto foi publicado e o povo ao qual o mesmo fazia alusão existiam profundas diferenças sociais. (...) O povo a quem os signatários direcionaram as propostas relativas à educação pelo trabalho e a idéia da escola como um poderoso centro de criação, atração e irradiação de todas as forças e atividade educativas, organizada como uma comunidade em miniatura era o povo que pretendiam atingir por meio da educação, incorporando-os ao ‘mundo dos alfabetizados e produtivos’. O povo que buscaram como interlocutor e aliado na disputa contra os intelectuais e educadores católicos era o leitor esclarecido capaz de juntar-se ao ‘coro dos descontentes’ com os rumos que o país pós-revolução ia assumindo. (CÂMARA, 2003, p.37)*

Como vimos, as propostas de universidade continuavam girando em torno da formação de elites, uma vez que o povo ainda estava em formação. AZEVEDO (1932), citado por CÂMARA (2003), via como um povo “sem lastro de tradições e cultura”, cabendo a estas mesmas elites a formação do povo brasileiro, conforme o que pretendiam ser os moldes nacionais.

Entre os signatários do Manifesto, estão, além de Fernando de Azevedo, Afrânio Peixoto, A. de Sampaio Dória, Anísio Spínola Teixeira, M. Bergstrom Lourenço Filho, Roquette Pinto, J. G. Frota Pessoa, Julio de Mesquita Filho, Raul Briquet, Mario Casassanta, C. Delgado de Carvalho, A. Ferreira de Almeida Jr., J. P. Fontenelle, Roldão Lopes de Barros, Noemy M. da Silveira, Hermes Lima, Attilio Vivacqua, Francisco Venâncio Filho, Paulo Maranhão, Cecília Meirelles, Edgar Sussekind de Mendonça, Armanda Álvaro Alberto, Garcia de Rezende, Nóbrega da Cunha, Paschoal Leme e Raul Gomes. (GHIRALDELLI JR., 2008, p.250)

O projeto de criação da Universidade do Distrito Federal (UDF), fundada por Anísio Teixeira em 1935, foi a primeira iniciativa de criação de uma instituição mais livre, pensada como locus de pesquisa e liberdade de pensamento, como uma unidade científica autônoma em relação ao Estado. Ela desperta a discussão em torno de qual o peso que deveria ter a universidade em nosso país, quais seriam suas funções.

## **Capítulo 2 – Anísio Teixeira: A Biografia**



Coreia Bahi Teixeira

*Anísio Teixeira (1900-1971)*

### **Figura 1. Anísio Teixeira**

(Fonte: [scielo.br](http://scielo.br))

Anísio Spínola Teixeira nasceu em 1900, na Cidade de Caetité, no interior da Bahia. Segundo Nelson Teixeira, o esvaziamento econômico da região, após a abolição da escravidão, teria provocado uma espécie de primavera escolar, como um esforço de demonstração de que a instrução passava a ser vista como uma nova forma de valorizar o trabalho humano.” (NUNES, 2000, p. 55) Sua família tinha grande influência na região, tendo cargos políticos de importância. Seu pai, Deocleciano Pires Teixeira, tinha forte prestígio, fazia parte da direção do partido liberal local, incentivou a criação de escolas na região. Anísio tem em sua família, de um lado, o catolicismo das mulheres, reforçado pela vida nos colégios jesuítas; e de outro, o anticlericalismo do pai e dos irmãos.



**Figura 2. Casa onde nasceu Anísio Teixeira – Caetitê/BA**

**(Fonte: cpdoc.fgv.br)**

Iniciou seus estudos em colégios jesuítas; primeiro no Colégio São Luís, em sua cidade, dando continuidade no Antônio Vieira, em Salvador, onde o clima era de promoção de culturas, reunindo vários intelectuais. Lá se desenvolveu muito, não só na forma de pensar e agir espiritualmente, mas enriqueceu-lhe em geral, aprendendo muito. Da sua experiência em colégios jesuítas, trava uma batalha consigo mesmo e com sua família, quando surge o desejo de virar padre e acompanhar a causa jesuíta: queria ingressar na Companhia de Jesus. Seus estudos Superiores foram realizados ainda na Bahia, na Faculdade de Direito, por gosto de seus pais, que queriam vê-lo seguir carreira política como sucessor de Deocleciano; porém não se identificava com a área jurídica. É enviado para o Rio dois anos antes da conclusão, em 1920, pelo seu pai, numa manobra para tentar que ele desistisse da idéia de ser padre. No entanto, ele condicionava seu ingresso à aprovação dos pais, que o repeliam. (NUNES, 2000, p.61-68)





**Figura 3. Corpo docente e discente do Colégio Antônio Vieira**

**(fonte: cpdoc.fgv.br)**

Pouco antes de formar-se, ao receber uma carta de Dindinha que lhe comunicava a interferência de seu pai para sua nomeação como promotor em Monte Alto, escreve aos pais dizendo que esta era sua vontade, que seguiria carreira religiosa, pois esta era a vontade de Deus. Ou seja, vimos que sua opção pelo sacerdócio traz, veladamente, uma oposição à carreira jurídica. Decide então realizar os Exercícios Espirituais, fruto da conversão de Santo Inácio, fundador da Companhia de Jesus, que foram criados com o objetivo de orientar os exercitantes para a missão eclesial. Parte dos Exercícios é composta de meditação religiosa, que é submetida a um trabalho metódico, onde o mais importante é descobrir a vontade de Deus. Como bem aponta Barthes, Inácio criou uma técnica de decisão na qual o contato súbito entre a vontade divina e a liberdade humana faz nascer a escolha. (NUNES, 2000, p.73-74)

Forma-se em 1922 pela Universidade de Direito do Distrito Federal (atual Universidade de Direito da UFRJ), quando volta para casa; sendo recebido com festas e mudando sua rotina, vai perdendo a simplicidade, como ele mesmo definira, desviando-se do plano religioso para o plano meramente humano. (NUNES, 2000, p. 76) “Deocleciano depositava grandes esperanças em Anísio como seu sucessor político, motivo pelo qual programou o futuro do menino nessa direção, introduzindo-o na trama da articulação política local e regional e colocando-o ao lado de Nelson, Oscar e Jaime como uma espécie de seu auxiliar imediato.” Em 1923, a serviço de manobras políticas, começa a trabalhar ao lado de seu irmão, Mário Teixeira, e na campanha presidencial a favor de Arthur Bernardes. (NUNES, 2000, p. 84)



**Figura 4. Da esq. p/ dir.: Jaime, Anísio e Oscar Teixeira**

**(Fonte: cpdoc.fgv.br)**

Bernardes ganha a sucessão presidencial, tirando do poder José Joaquim Seabra, que estava a frente a muitos anos; e colocando Francisco Góes Calmon, a quem os Teixeiras apoiavam. Calmon, que jamais havia exercido cargos políticos, fora indicado, a princípio, pelo próprio Seabra; que depois, ao ver a repercussão que a campanha tomou, desistiu de apoiá-lo. Ele, apesar de não pertencer a nenhuma facção política, mantinha relações com figuras de projeção de todos os grupos políticos locais. Deocleciano então solicita, para Anísio, a promotoria de Caetité. Já em Salvador, em 1924, Anísio se aproximava de Calmon, indicando pessoas de confiança dos Teixeiras para ocupar cargos públicos em Caetité. Calmon, porém, na intenção de garantir ao máximo sua independência da magistratura, não colocando os cargos relativos a ela ao alcance de várias facções políticas, nega o pedido de Deocleciano. Surge uma oportunidade, porém, de Calmon recompensar os Teixeiras pelo apoio que lhe fora dado. Afrânio Peixoto, cientista com grande experiência na área política, que inclusive já havia ocupado o cargo de Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, é convidado ao cargo de Inspetor Geral do Ensino<sup>1</sup>; convite que recusa. Daí, Calmon coloca Anísio, que lhe foi apresentado por seu secretário oficial de gabinete, Hermes Lima, em seu lugar. Mesmo ele não tendo nenhum título específico para o desempenho da função, o governador gostou muito da sua conversa. (NUNES, 2000, p. 86-87)

Na ocasião, Anísio vai morar em Salvador, em uma pensão que servia de encontro aos intelectuais, onde trava contato com outras idéias. Podemos imaginar quantos contatos estabeleceu durante esta estadia. Ao assumir o cargo, depara-se com uma educação que até então desconhecia, uma situação que não fazia parte do seu mundo. O ensino era precário

---

<sup>1</sup> Biografia de Júlio Afrânio Peixoto. Arquivo Afrânio Peixoto. Verbete Biográfico. CPDOC/FGV.

na Bahia, sem estruturas físicas, com professorado mal preparado, sem fiscalização, sem métodos. Anísio tratou de examinar a situação e reuniu em comissão as autoridades públicas para discutir as questões relativas ao ensino. Dessa comissão saía um projeto, e programas foram publicados pela Inspeção baiana. Tudo isso gerava uma repercussão, e Anísio apenas começava a transformar suas idéias em ações. As pessoas passavam a reconhecê-lo por seus feitos na Bahia.

*A indicação de Anísio foi um espanto. Provocou inveja e protesto. Foi encarada pelos padres do Colégio Antônio Vieira como um sinal divino. No plano individual, Deus parecia delinear uma área de apostolado pela qual Anísio poderia resolver suas hesitações e até mesmo justificar uma possível renúncia à opção sacerdotal. No plano da Companhia, Deus fazia de Anísio um instrumento no sentido de ampliar a área de influência da Igreja dentro da estrutura do Estado. (NUNES, 2000, p.87)*

Vimos como a história pessoal, pela família aristocrata em que nascera, e a rede de relações em que Anísio articulava, foram pontos primordiais para sua indicação ao cargo na Inspeção Geral do Ensino. Comparativamente, Afrânio Peixoto tinha experiência para assumir o cargo, e gozaria de mais confiança pela sua carreira já conhecida. Anísio estava apenas começando, e ganhava já um cargo de grande responsabilidade, ainda sendo um campo totalmente desconhecido para ele, que nada havia estudado sobre a educação; um campo que teria de descobrir.

Para BOURDIEU, a ação social é governada por disposições adquiridas pela imersão contínua em jogos sociais. (WACQUANT, 2002, p.02) Percebemos isso na trajetória traçada por Anísio, uma vez que ele tinha outras idéias, nunca tendo pensado em seguir qualquer cargo político e, pelo contrário, tendo até mesmo sentimento de recusa para tal. Foi fazendo o “jogo” que a vida lhe propunha, ora através da família, ora através da educação que tivera, abandonando certas escolhas e tomando outras como referenciais. A noção de projeto também “procura dar conta dessa margem relativa de escolha que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico de uma sociedade.” O projeto seria, como Schutz definiu, uma conduta organizada para atingir fins específicos. (VELHO, 1987, p. 107) Ou seja, o sujeito da ação age conscientemente para atingir fins específicos, contando com outros aspectos, como o lugar, o momento histórico, as pessoas com as quais se relaciona; isto constitui seu campo de manobra.

*Sem dúvida uma explicação ou um caminho é buscar na trajetória, e não apenas na posição do indivíduo, família ou grupo, a explicação ou base para seus comportamentos, preferências, aspirações. (...) É importante, no entanto, não só estar atento para o sentido da trajetória, seu ritmo, direção, e daí extrair*

*conseqüências, mas também procurar perceber a própria trajetória enquanto expressão de um projeto. Ou seja, a trajetória tem um poder explicativo, mas deve ser dimensionada e relativizada com a tentativa de perceber o que possibilitou essa trajetória e não outra. É aí que parece que a noção de projeto pode ser útil.* (VELHO, 1987, p.106)

Há uma versão para os intelectuais nos ensaios de caráter econômico e sociológico, para a qual eles são os escritores “engajados”. Esse termo se aplica a quem tenha adquirida, com o exercício da cultura, autoridade e influência nos debates públicos. (BOBBIO, 1998) Com o tempo, Anísio torna-se este intelectual engajado, à medida que adere à causa da educação lutando pelo que almejava como a causa de sua própria vida, participando ativamente da luta em prol de uma educação melhor para o nosso país, estudando para conhecer novas metodologias que pudessem vir a ser aplicadas no Brasil, onde já não cabia tanto atraso convivendo lado a lado com tantas mudanças na sociedade. No seu caso, já levava vantagem em relação a outros intelectuais, uma vez que nascido em berço de políticos, seu nome já o dava prestígio. Prestígio este que só fez crescer levando em conta sua trajetória de lutas.

Sem conhecimento na área em que atuaria, Anísio ouviu sugestões de Afrânio Peixoto e Antônio Carneiro Leão, na ocasião Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, e leu um livro indicado pelo próprio Calmon: “Métodos americanos de educação”, do educador belga Omer Buyse. Sua gestão significou um espaço de manobra possível, onde exercitava sua escolha profissional, agindo a favor de sua família, ampliando sua área de influência no estado. Provava o gosto pelo poder. Anísio deparou-se com um ensino até então desconhecido, totalmente abandonado pelos governos, o avesso da educação que teve nos colégios jesuítas. As poucas escolas concentravam-se em Salvador, muitas em ruínas, feitas em antigas residências e custeadas até mesmo pelos próprios professores. Não existia fiscalização, os professores eram mal preparados e havia ainda a distribuição político-eleitoral das “cadeiras”.

Agravava a situação a subvenção a escolas particulares feita pelas prefeituras municipais, mesmo depois da promulgação, em 1891, da primeira constituição baiana, que previa a universalização e a gratuidade do ensino primário, iniciativa valorizada pelos senadores e deputados estaduais baianos. Disputas políticas e interesses particulares entravavam inúmeras iniciativas que podiam e deviam ser realizadas na Bahia com relação à educação; e todos os atos reformistas promovidos até 1919 foram conduzidos por forças

políticas conservadoras, que convocavam antigos políticos e conselheiros da monarquia. (NUNES, 2000, p. 91)

Calmon não via a necessidade de uma alfabetização em massa no Estado da Bahia, uma vez que a indústria apenas engatinhava. Sua pretensão era melhorar o aparelho existente, realizando boas escolas para alguns. Anísio se movia neste sentido, no interior da máquina estatal, inspirado por suas concepções católicas e por certo iluminismo pedagógico. Foi incumbido da função de organizar todo o ensino na Bahia nesta direção. Passa então a refletir sobre algumas questões, como a Escola Única, que via na uniformização do ensino, um desastroso nivelamento, impossível de se executar, tendo em vista a heterogeneidade local. (NUNES, 2000, p. 97)

*Sua primeira providência ao assumir a Instrução Pública, foi examinar a situação da educação do estado e reunir em comissão deputados, senadores, autoridades do ensino estadual e municipal, diretores de colégios públicos e particulares, membros do Conselho Superior de Ensino. Era uma grande comissão, que produziu uma proposta, convertida em um projeto, sob o número 169. Sofreu duas discussões na câmara, recebeu numerosas emendas e, transformada em substitutivo, foi aprovada em 1925. Nesse ano também a Inspetoria publicava os programas das escolas elementares urbanas. (NUNES, 2000, p.99)*

Tornou-se a Lei nº 1846, de 14/08/1925, que perdurou por trinta e dois anos. Em dezembro do mesmo ano, a lei era elogiada por Frota Pessoa, que trabalhava com Carneiro Leão, na ocasião, no Distrito Federal, por ordenar a educação baiana, dando-lhe objetivo definido. O ano de implementação da reforma, 1926, foi bem tumultuado, pois recebia inúmeras críticas de alguns professores, tendo em vista que a reforma trazia muitas mudanças. Com muitas dificuldades, Anísio conseguia contrato com uma empresa americana de venda de material escolar, promovia concursos para o magistério e fiscalizava a frequência dos alunos através de delegados itinerantes. Os programas, mesmo publicados no diário oficial, muitas vezes não eram respeitados. O maior problema era a resistência dos professores.

Vale lembrar que, na década de 20, mesmo período da reforma educacional realizada na Bahia por Anísio (a mesma que deu origem ao surgimento das Escolas Parques), foram implementadas reformas na educação de outros Estados brasileiros com o objetivo de melhorar o ensino. São elas: em São Paulo, por Sampaio Dória (1920); no Ceará, por Lourenço Filho (1922); no Distrito Federal, por Carneiro Leão (1922); no Rio Grande do Sul, por Bezerra da Menezes (1925); e no Paraná, por Lisímaco da Costa (1927). (BUFFA, E. e NOSELLA, P. 2001, p. 61)

Não podemos falar sobre a trajetória desse personagem sem passar pelas suas viagens aos Estados Unidos e pela Europa, ocasiões em que teve a oportunidade de ver de perto como funcionavam os sistemas de educação mais avançados na época.

Por essa época, conciliava as atividades da inspetoria com a colaboração prestada a D. Augusto no apostolado leigo. Viaja em 1925 para a Europa, com D. Augusto, numa peregrinação do Ano Santo, observando também o sistema educacional de vários países, experiências adquiridas que influenciaram suas iniciativas nas reformas implementadas no estado; viagem que relata como estímulo às suas mais íntimas descobertas. (NUNES, 2000, p.80) Em 26, em carta escrita a seu pai, Anísio relata as dificuldades da vida pública e os entraves numa estrutura viciada pelos doze anos de Seabra no poder, além da acomodação dos que não acreditavam na reforma. “Para ele, a função pública só deveria ser buscada pelos que já tivessem garantida a subsistência e almejassem com todo ardor servir ao país.” (NUNES, 2000, p.99)

Anísio vem da aristocracia baiana, lutando em prol de interesses de classes sociais menos favorecidas, por uma cultura para a massa. Como este intelectual segue esse caminho, ao mesmo tempo se mantendo na aristocracia? Como ele mantém sua posição social, ao mesmo tempo em que se engaja nessa luta?

Porque, como bem sabemos, as regras sempre foram ditadas de cima para baixo, e não é interessante para a burguesia que o povo tenha mais conhecimento, para que assim não hajam revoluções, e eles somente obedçam, como meros instrumentos para o desenvolvimento. Esse personagem fez diferente, caminhou no sentido inverso, procurando agir de forma a satisfazer o interesse de uma classe a que não pertencia. No *L’Ancien Regime et la révolution*, TOCQUEVILLE fala na separação entre burgueses e intelectuais como fato consumado:

*No L’Ancien Régime et la révolution, 1856, Tocqueville afirma que a politização dos Intelectuais nasce da sua falta de experiência prática e do seu amor pelas idéias gerais, que os leva a extremismos simplistas e apriorísticos, inimigos máximos de uma correta condução dos negócios públicos e da liberdade política. O que está implícito nessa argumentação é que os Intelectuais em política têm somente um papel negativo, exaltando as massas com suas simplificações e abrindo o caminho para o despotismo. Voltem, então, às letras, deixando a política a uma classe de Governo mais esperta e capaz. (BOBBIO, 1998)*

Na verdade, essa crítica é feita porque os intelectuais, ao se politizarem, geralmente agem nesse sentido, o que não é interessante para a maioria da classe dominante. Talvez por isso Anísio tenha sido, por muitas vezes, tão perseguido pelas críticas.

Aos poucos, Anísio descobria o papel pedagógico que podia exercer na prática política, enxergando a sua atuação na educação como a solução do conflito de expectativas e destinos programados para ele por seu pai e pelo padre Cabral. Gradativamente tomava o destino em suas mãos. (NUNES, 2000, p.99) Em 27, o governador Góes Calmon dirige à Assembléia Legislativa uma mensagem mencionando o desejo de enviar Anísio à América do Norte, para observar as instituições de ensino similares às que, por lei, deveriam ser fundadas na Bahia. Permanece nos Estados Unidos, na Universidade de Columbia, de maio a novembro deste mesmo ano, fazendo um curso de verão, onde trava conhecimento com as idéias do filósofo John Dewey, que muito influenciam seu pensamento.

Por que a escolha de Dewey por Anísio para balizar seu pensamento?

*(...) Anísio selecionava um crítico contundente dos impasses da democracia nos Estados Unidos e que havia colaborado diretamente com instituições instaladas no meio da população pobre e imigrante com objetivos filantrópicos e educativos. Anísio tinha uma “necessidade psicológica de conciliar contradições e conflitos que trazia na sua experiência de vida e construir um novo significado existencial; a necessidade profissional de encontrar resposta programática para questões educacionais com as quais estava lidando; a necessidade epistemológica de elaborar uma síntese que lhe proporcionasse uma nova visão de mundo.” Dewey exerceu também significativa influência na Universidade de Columbia, onde lecionou por alguns anos. Ele foi uma resposta a Anísio, num momento em que precisava se posicionar com relação a antigos valores que de certa forma lhe impediam de colocar em prática sua capacidade de pensar e agir de forma crítica com o que presenciava. Dewey foi, para Anísio, assim como Hegel foi para ele, uma forma de se encontrar, suprir uma necessidade de unificação, como ele próprio declarou. (NUNES, 2000, p.143-148)*

Foi ele quem fez Anísio reconstruir sua identidade, representando a mediação entre o estoque de velhas opiniões e a nova experiência vivida. A leitura de Dewey lhe permitiu manter intacta a fé religiosa, mesmo abraçando a ciência. Jogava sua inteligência e sentimento na conversão do seu pensamento em ação e da sua imaginação em experiência social.

Já durante a viagem, Anísio via muitas diferenças do povo americano para o brasileiro, com relação à cultura e comportamento. Considera sua viagem como uma experiência única, onde não só tinha a oportunidade de conhecer a educação norte-americana, como de se descobrir, de caminhar por campos de seu pensamento que até ele

próprio desconhecia. Reconhecia que os moldes do seu pensamento educacional haviam sido construídos na Europa, mas aos poucos via a influência do pensamento *yankee* em sua maneira de pensar, com a ajuda de materiais que recebia dos EUA. Um de seus questionamentos era com relação à Escola Nova, se poderia ela manter as virtudes da educação tradicional, e a elas acrescentar novas finalidades ao período moderno. Seu diário de viagem mostra como ficava indignado com a situação do pobre no Brasil, que era excluído de participação social em vários setores. (NUNES, 2000, p. 112-113)

Uma obra que muito o influenciou foi lida a bordo do navio, como que numa espécie de preparação à sua chegada nos Estados Unidos: *My life and Work* de *Henry Ford*. Em Nova York, matriculou-se no *Teachers College*, na Universidade de Columbia, onde fez vários cursos para, só depois, viajar alguns estados a fim de observar o sistema educacional. Registra suas observações em relatório que é publicado um ano depois, sob o título *Aspectos Americanos da Educação*:

*(...) Em política: a minha crença política definitivamente se inclinou para os regimes descentralizados, facilitadores do florescimento das energias individuais, e das iniciativas pessoais, e que garantam uma exata classificação social. Regime livre e justo. Livre, no sentido de não coibir, de nenhuma sorte, o desenvolvimento do indivíduo e da família; justo, no sentido de criar uma atmosfera onde os quadros sociais se instalem com sentido do merecimento e dos valores. Justo, no sentido de permitir as aristocracias. (...) estamos longe disto. Temos, de alguma sorte, liberdade. Mas, essa liberdade sofre algumas restrições sérias. (...) O pobre não pode, no Brasil, dar uma educação católica ao seu filho. É isto uma restrição séria e incontestável. (...) A nossa democracia tem sido o regime de inversões de valores. (...) A América vai mostrar-me uma democracia descentralizada, com o Estado reduzido ao mínimo e em que um ambiente de cultura intelectual, moral e cívica permita a formação de uma aristocracia. Como disse um escritor célebre: a democracia americana encerra uma possibilidade de igualdade; as outras democracias têm procurado obter uma realidade de igualdade.*  
(Teixeira, 1927)

Vimos que, desde já, ele defendia a liberdade e a autonomia, a partir da descentralização do poder Estatal. Com isso, a igualdade de oportunidades, onde cada qual, com as mesmas opções de escolha através de uma educação de qualidade, tivesse a liberdade de escolher que sentido dar à sua vida. Seu sucesso dependeria, assim, das escolhas que fizesse no decorrer de sua vida, a partir de seus próprios méritos. É isso que não se vê no Brasil, onde os pobres não têm direito de opinar em quase ou nada em suas próprias vidas, sendo instrumentos de trabalho para as classes mais abastadas. O problema é que, aqui, há



um mascaramento da situação, onde a idéia de democracia esconde, através de um ideal de igualdade, que as oportunidades não são distribuídas igualmente a todos.

Nestas observações, relatou também muitos aspectos que admira no ensino americano, onde vê que os processos da educação baiana precisavam ser controlados, com um sistema de inspeção concebido menos como fiscalização e mais como orientação pedagógica. Os colégios americanos contrastavam muito com o que ele via na Bahia. Vimos a influência americana, por exemplo, na visão que tinha da aplicação dos famosos testes como um instrumento capaz de individualizar o processo educativo, organizando melhor o trabalho do professor. Na escola americana, Anísio conheceu também elementos dinamizadores da cultura – o espírito de inquérito e a importância da leitura na educação, “que provocava o esforço de levar as crianças a compreender essa importância muito antes da aprendizagem da leitura em si. Aprende-se melhor a ler quando se sente a necessidade da leitura.” (NUNES, 2000, p.120)

Essa perspectiva ia de acordo com a proposta Deweyana, de que o que é ensinado na escola, a criança aprende mais facilmente quando é desenvolvido de acordo com a sua própria experiência de vida. Seu entusiasmo americano, contanto, recebe não apenas elogios, mas muitas críticas. Apesar disso, após a viagem, Anísio decide, enfim, ficar no ramo da educação. “Reconhecia ter a paixão vasta e necessária para o empreendimento da tarefa educativa, que lhe caía como uma luva sobre o caráter idealista.” (NUNES, 2000, p.122)

## **2.1 - A Influência Norte-Americana**

“A segunda estadia de quase um ano nos Estados Unidos significou para Anísio a oportunidade de entregar-se inteiramente a uma nova realidade, que precisava e queria interiorizar.” Foi um momento crucial em sua biografia, no qual repensou muitos conceitos, suas crenças, fazendo-o a construir de novo sua identidade. Tanto que, para as pessoas que conviviam com ele, significou a transformação total de sua personalidade. Passou a buscar a verdade na ciência, e foi em John Dewey que encontrou um método para construir sua própria filosofia. (NUNES, 2000, p.136)

No período de sua permanência no *Teachers College*, em Nova Iorque, para onde é enviado ao curso regular entre 1928 e 1929, com uma bolsa patrocinada pelo *Macy Student*

*Fund do International Institute*; o país passava por obras de renovação escolar em alguns estados. Dedicava-se aos estudos, entre outros, de estudo do currículo, á educação comparada, á análise do trabalho escolar em áreas rurais e á discussão de uma teoria filosófica geral da educação, sob a orientação de intelectuais. Não era mais o deslumbrado da primeira visita. Refazia uma imagem positiva da América, onde o novo superava o velho a cada instante.

Anísio chega aos EUA num momento em que o país sofria grande crescimento populacional e intensa imigração, causando muitos efeitos sobre a vida da população urbana, o que despertou um grande debate ao qual ele se interessou, que era a questão do nacionalismo americano. O país sofreu no período de 1880 a 1914 uma enorme penetração de imigrantes, o que fazia com que seu povo perdesse a homogeneidade; é quando o governo começa a restringir a entrada e elabora uma nova organização para o sistema escolar, salientando os fatos locais a comunidade, aspectos da organização industrial, mostrando os problemas das migrações.

O crescimento populacional também teve seu lado positivo: a imigração afetara a estrutura de classes no sentido de uma abertura e de um movimento palpável de ascensão social, o que dava um tom otimista ao pragmatismo americano, do qual Dewey é um dos principais representantes. Expandiu também a escola pública, o que acarretava em problemas práticos para a organização do ensino. Em resposta, Dewey começa a escrever expressamente para os educadores. Em 1910, publica *How we think*, onde relaciona o pensamento reflexivo ao processo educativo. Esta e outras de suas obras tiveram grande repercussão nas escolas públicas de nível médio e superior, sendo usadas como manuais por muitos professores. Ele enfatizava a atitude de lidar com situações diversas, período pelo qual passava a população norte-americana, vivendo muitas mudanças. Contribuiu para a construção da profissão docente em seu país.

Para John Dewey, a filosofia é um esforço de continuada conciliação e ajustamento entre a tradição e o conhecimento científico, entre as bases culturais do passado e o presente que flui, ou seja, entre o que já foi e o vir a ser, de modo a permitir e até assegurar integrações e reintegrações necessárias do velho no novo, já operante quando não ainda dominante. (TEIXEIRA,1977, p.61-62) Sua proposta era a de reconstruir a teoria do conhecimento com o propósito de verificar onde e como falhavam, em relação às condições

modernas de vida, os sistemas filosóficos do passado. O autor correspondeu a necessidades psicológicas, profissionais e epistemológicas de Anísio.

Segundo Dewey, todo aprendizado envolve um ação. Se a pessoa aprende, deve aprender pra que serve e colocar em prática. Anísio fez algumas traduções das obras de Dewey para o português; uma delas, “Experiência e Educação”, fala sobre isto, o valor da experiência.

Nesta obra, Dewey faz um paralelo entre a escola tradicional e a escola nova, onde fala sobre a tendência dos homens em levar tudo a um extremo, ou é uma coisa ou é outra, ignorando que possa existir uma posição intermediária. No caso das duas correntes educacionais, é inegável que a escola tradicional tolhia a criança de suas necessidades básicas de se expressar. Enquanto muitas vezes a escola nova erra ao tentar fazer tudo exatamente ao contrário da tradicional, deixando muitas vezes o ensino sem direção. As duas correntes têm suas qualidades, só não devemos nos deixar levar pelos extremos, consideremos que as duas tiveram êxitos.

*(...) A solução estará na descoberta de como a familiarização com o passado poderá traduzir-se em poderosa instrumentalidade para melhor lidar efetivamente com o futuro. (...) É indispensável compreender, e de maneira cabal, que não é abandonando o velho que resolvemos qualquer problema. (...) admito haver consenso geral permanente quanto a pressuposto fundamental, ou seja, de que há conexão orgânica entre educação e experiência pessoal, estando, portanto, a nova filosofia de educação comprometida com alguma espécie de filosofia empírica e experimental. (...) (DEWEY, 1976, p. 11-13)*

Anísio faz uma relação, baseado na teoria deweyana, junto com suas próprias convicções (herdadas, entre outras, da pedagogia jesuíta), entre ciência a humanismo. A ciência tanto progrediu que chegou a ultrapassar seus objetivos, que a princípio seriam de ajudar os humanos. Em prol de interesses particulares, produz desigualdades e passa a ser usada até mesmo contra a própria vida.

*Somente será possível ‘espiritualizar’ e ‘humanizar’ a vida moderna, humanizando e espiritualizando a ciência, o trabalho e a organização social de nossos dias, senão para agora, para o mais ou menos próximo futuro. O divórcio entre o material e o espiritual é inconcebível, salvo como aspectos da mesma atividade geral, que é, simultaneamente, material e espiritual ou espiritual e material. (TEIXEIRA, 1977, p. 33)*

Observamos aí a idéia posta em prática, mais tarde, no seu projeto de criação da universidade, da união de faculdades de ciências humanas com as de ciências exatas. Isto se fazia necessário para um ambiente universitário, que formasse profissionais que soubessem lidar com o conhecimento adquirido, não o usando somente a favor de interesses particularistas.

Ele questiona o que temos feito desde o século XIX no campo da educação, no qual se formam os homens e onde se exemplificam as diretrizes reais de nossa civilização. O tipo de formação literária, para ele, aliena o homem de sua época, pois geralmente é clássica; enquanto a científica o aliena dos propósitos e fins humanos. Segundo Anísio, as pessoas devem aprender, desde crianças, os meios e como usá-los. Não temos a cultura de ensinar como utilizar os conhecimentos, e isso acontece em todos os níveis de ensino. A escola, com o pretexto de ser liberal, não ensina como usar os meios. Este é o começo do processo de desintegração do homem, e “todo ensino deve ser completado, ou melhor, integrado em uma atividade inteiriça, em que a operação de saber se confunda com a de agir (...) não espiritual é essa possibilidade destrutiva de aprender meios e não aprender fins, isto é, como usar os meios.” (TEIXEIRA, 1977, p.41)

*Cumpre-nos redefinir o conhecimento humano, estabelecer as bases do conhecimento experimental como as bases de todo o conhecimento, seja científico, moral ou religioso, e reintegrar o ensino das ciências no seu contexto humano, ensinando-as não como atividades de monstros extra-humanos, mas como uma das mais significativas e mais ricas atividades humanas, desde que exercidas com o vivo sentimento dos seus fins, seus usos e suas conseqüências humanas. (TEIXEIRA, 1977, p.42)*

Com novas idéias adquiridas de sua experiência nos Estados Unidos, Anísio voltaria ao Brasil em busca de novos ideais.

Os obstáculos que Anísio visualizava em relação à democracia brasileira resultavam do choque entre uma finalidade nacionalista e uma finalidade social mais vasta. A vitória sobre eles poderia ser obtida, para ele, com a modificação dos ideais da cultura; a conseqüente mudança dos conteúdos curriculares e dos métodos de ensino e disciplina; a adequada distribuição administrativa das facilidades escolares e a ênfase a tudo que pudesse unir os povos em empreendimento cooperativos. Só um regime democrático poderia realizar tal tarefa. (NUNES, 2000, p.169-170)

No final de 1928, Anísio já sentia-se só, tinha vontade de voltar para o Brasil. Acompanhava a movimentação política no governo baiano, agora sobre o comando de Vital Soares, sucessor de Calmon, através das cartas de seu irmão, Jaime.

*E Jaime sentia ‘saudades do Calmon’. Considerava faltar inteiramente a Vital qualidades pessoais para chefiar o governo. (...) Cercava-se e isolava-se numa roda que se opunha a qualquer novo ingressante. Havia criado em sua volta uma espécie de corte reduzida, na qual os Teixeiras iam perdendo espaço. Repetiam-se, em 1928, conversas que, no interior da família Teixeira e de setores do governo baiano, ocorriam desde 1927: encaminhar Anísio para a Câmara Federal em legislatura próxima. (NUNES, 2000, p.173-174)*

Estas tentativas seriam, no entanto, abortadas pelo próprio Vital Soares. Anísio permaneceu na Diretoria de Instrução um tanto descontente, pois não tinha o mesmo prestígio e apoio que gozara com Calmon. Neste período de permanência, resolvia ainda questões pendentes, apesar do desejo de largar o cargo. Queria uma ‘ocupação que desse simplesmente para viver e não trouxesse amolações inúteis’. (NUNES, 2000, p.174)

Em meados de 1929, Anísio volta a Salvador. Neste período, em uma das cartas trocadas com Monteiro Lobato, importante intelectual que conheceu durante sua primeira viagem aos EUA e que partilhava da grande admiração por aquele país, datada do mesmo ano, Lobato relata a Anísio, após sua partida dos EUA, as novidades sempre crepitantes do país, tomando a volta ao Brasil como uma “tragédia mental”, fazendo mesmo uma analogia com “um boi indo para o matadouro...”. Diante de um mundo novo, cheio de idéias como os Estados Unidos, voltar para a nação de origem devia mesmo parecer retrógrado: “Um dia de *New York* vale uma vida no Brasil – pelo menos ensina mais que ela.”<sup>2</sup>

O retorno dos EUA lhe inquietou, na medida em que a reforma deveria prosseguir com a batuta de um governo que, apesar de calmonista, não lhe apoiava como o governo anterior. Pensava em perspectivas de trabalho. Sua família incentivava a carreira política, que Vital Soares negava. Na carta em resposta a Lobato, Anísio diz que foi a São Paulo e gostou muito do espírito científico, trabalho, negação para a retórica nacional. De lá, foi para Minas, estado que quer salvar o Brasil do materialismo paulista. São Paulo quer tornar a nação rica e bela. Um dos grandes entraves que Anísio sempre viu na administração pública,

---

<sup>2</sup> Cartas entre Monteiro Lobato e Anísio Teixeira, entre as datas de 22/06/1928 a 13/02/1947, relatando temas variados. *Arquivo Anísio Teixeira*, série Correspondência AT c 1928.06.22, CPDOC/FGV.

e relata em carta ao falar da Bahia, é a burocracia, citando o patriarcalismo baiano, onde tudo se adia. “E a administração descansa por entre as comodidades da burocracia.”<sup>3</sup>

A permanência na Diretoria Geral de Instrução tornava-se inviável. Depois de dez meses num dos grandes centros universitários da América do Norte, parecia-lhe muito difícil falar sobre a instrução baiana. Voltava cético. Problemas. E mais problemas. Antes da sua volta, tomava conhecimento dos entraves que o governo fazia aos seus projetos de melhorias na educação. Diante de muitas negativas por parte do governo de Vital, Anísio solicita sua exoneração do cargo em novembro de 1929. (NUNES, 2000, p.183)

Em cartas posteriores, podemos perceber um Anísio desmotivado, depois de sair da Diretoria de Instrução Pública, sem saber bem que rumo seguir, fazer concurso, virar professor ou deputado. Percebemos instabilidade emocional, mesmo sem vontade de escrever as cartas.<sup>4</sup> Ao sair, ouviu muitas críticas da oposição, às quais respondeu num discurso em que procurava elucidar os pontos cruciais de sua reforma, e as dificuldades que enfrentou. Estava disposto a abandonar a Bahia. Já recebera convites de São Paulo, de Fernando de Azevedo e Lourenço Filho. Já sentia fazer parte de uma irmandade, como dizia o próprio Lourenço Filho, mas essa irmandade estava no Rio e em São Paulo. Sentia uma sensação de deslocamento, natural de quem voltara da América do Norte. Diante disso, sentia uma necessidade de revisar todo seu trabalho na Diretoria de Instrução, revisão que encaminharia a Vital Soares. “Em sua autocrítica, admitiu que a expansão do ensino acontecera em grau restritíssimo e que as oportunidades educativas, além de escassas, eram contraproducentes.” Nela, avaliou e fez estimativas do ensino baiano. “Para Anísio, os problemas da educação deveriam ser resolvidos com mais educação: maiores oportunidades para todos tomando-se por base inquéritos sociais objetivos, como primeiro passo para um plano geral de escolas sertanejas. O segundo passo seria caracterizado por uma intensiva e eficiente preparação do professor.” (NUNES, 2000, p. 187-188)

A saída levou-o à Escola Normal de Salvador, na cadeira recém criada de Filosofia e História da Educação. Sobre o fato, Lobato lhe opina: “Professor de Filosofia da Educação na Escola Normal... Que castigo! Pegar um Anísio pô-lo no ambiente da Columbia um ano, e depois, professor de filosofia da educação na escola normalíssima da Mulata Velha...”<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Ibidem.

<sup>5</sup> Idem, ibidem.

Ainda assim, pensava em sair da Bahia. Em carta, Lobato comenta a saída de Anísio da Diretoria de Instrução, dizendo que quem assumirá será um leigo, considerando leigo todo homem que não conhece a América. Lamenta em certo ponto ter ido à América, pois às vezes a ignorância faz sofrer menos. Como o povo brasileiro ainda desprezava o que vinha de fora, apesar de sua cultura ser tão atrasada! Fala sobre como mentem os nossos políticos. Chega a dizer a Anísio que um povo como o brasileiro não lerá o livro que então ele está a escrever sobre Dewey.

*Eles querem de fugir à lazeira reinante Dá-lhes pinga lírica, se podes; do contrário deita-te morfina, ópios, pingas. São um povo de 'drug-addicts'. Único meio que encontraram a dormir numa deputança que não te force a contato com os "eleitores". Só isso é sábio."*<sup>6</sup>

Pensava em ficar na docência, mas prestar concurso para a Escola normal do Distrito Federal. Oscilava, porém, em nome da carreira política. Lourenço Filho tentava convencê-lo a permanecer na área da educação, que agora precisava tanto dele.

Em 1930, Lourenço lança o livro Introdução ao Estudo da Escola Nova. Dele, pede que Anísio faça uma apreciação crítica. Apesar de se julgar incapaz para tanto, remete-lhe suas anotações. A análise mostra como o pensamento de Anísio se distanciava da reflexão de Lourenço no livro, que teve grande repercussão no país. Cabe destacar, em sua crítica, o fato de a escola única, preconizada por Lourenço Filho, não existir em nosso país, que era um ensino de classes, com total desarticulação entre os níveis. Fala também sobre a apresentação de teorias de Dewey no livro com uma perspectiva reducionista, ao tomar o chamado método de projetos, um procedimento técnico, como reconstrução escolar. (NUNES, 2000, p.193) A crítica de Anísio permaneceu escondida, e o livro ganhou fama, confirmando que São Paulo parecia ser o meio mais próprio a inovações do que qualquer outro estado no país.

---

<sup>6</sup> Idem, ibidem.



**Figura 5. Da esq. p/ dir. (em pé): Anísio (2º), Lourenço Filho (7º) e outros na ABE.**

**(fonte: cpdoc.fgv.br)**

“Dewey acreditava que as nações atrasadas possuíam ao final da década de vinte, uma grande chance educacional; por ser menos perturbadas por tradições e instituições poderiam elas iniciar pelas teorias mais avançadas do momento as suas reformas educacionais, como se estivessem começando de novo”. Algumas iniciativas vinham sendo tomadas nessa direção, no entanto a Revolução de 30 impediria suas realizações. Anísio sentia-se cansado pelo atraso na Bahia. A precipitação do processo revolucionário, com transições políticas até a condução de José Joaquim SEABRA ao poder, que derrubou o poder calmonista, fez com que Anísio se transferisse de Salvador para Caetité. Neste mesmo ano assiste a morte do pai que, junto com a perseguição seabrista, fazem transbordar seu sentimento de desenraizamento, cultivado há tempos pelos laços intelectuais e afetivos com o pessoal de São Paulo. (NUNES, 2000, p.197)

Em 31, Anísio embarca para o Rio triste com a situação educacional da Bahia e o lema dos líderes da Revolução com relação a ela: sanear e educar.



*Quando veremos que o problema de organização e não o problema político é o que realmente importa? Preparem-se os homens. Criemos os técnicos. Eles organizarão. Do mais virá a riqueza. E tudo mais – política sã, liberdade sã etc, etc – virá de acréscimo. Parece, porém, que temos de sofrer a nossa fase histórica. (...)*<sup>7</sup>

Recebia várias propostas de trabalho, no Rio e vindas de São Paulo. Candidata-se a um posto na Inspetoria do Ensino Secundário, onde assume o cargo de Superintendente do Serviço-Geral de Inspeção do Ensino Secundário do MES (Ministério da Educação e Saúde). Por essa época, conhece, através de um amigo, Emília Ferreira, com quem se casaria pouco depois, em 1932.



**Figura 6. Emília Teixeira, esposa de Anísio**

**(fonte: cpdoc.fgv.br)**

No dia 15 de outubro de 1931, assume a Diretoria Geral da Instrução da prefeitura do Rio de Janeiro (à época sob a responsabilidade de Pedro Ernesto), sucedendo a Carneiro Leão e Fernando de Azevedo. A ocupação do cargo representou para Anísio a oportunidade de tentar realizar o programa de ação que sonhava para a instrução pública e afirmar-se nacionalmente no campo de atuação que escolhera. No seu discurso de posse, fez questão de enfatizar a importância que seria dada ao professor em sua reforma. No entanto, os primeiros

---

<sup>7</sup> Idem, ibidem.

meses foram bem difíceis, até a conquista da confiança do professorado, que se sentia melindrado com a escolha de mais um estrangeiro para a condução da instrução pública na cidade. (NUNES, 2000, p.227-231) Instituiu a integração da Rede Municipal de Ensino, do Ensino Fundamental ao Superior.



**Figura 7. Anísio (ao centro, com cigarro entre os dedos), Pedro Ernesto (à esquerda de Anísio) e outros, diante de maquete de uma escola.**

**(fonte: cpdoc.fgv.br)**

Em 1932, participa do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Para MONARCHA,

*o escolanovismo foi uma empresa voltada para a organização do mundo do trabalho, que teve a finalidade de garantir a autoconservação da sociedade burguesa. Foi esquadramento disciplinar e discurso do poder. Para ele, Anísio foi quem colocou de forma didática as “idéias-força” da modernidade: a ciência, o industrialismo e a democracia. (...) A violência no controle das classes populares era substituída pela astúcia. O ideal de democratização da cultura encobria o monopólio do uso público da razão e a política era substituída pela política despartidarizada. (MONARCHA, 1990 apud NUNES, 2000, p.34)*

A sociedade mudou muito com a industrialização, junto com o aumento dos bens materiais, mudou-se o modo de pensar, de viver. A sociedade exigia mais da educação, o cidadão precisava ser preparado para a vida, e não como era até então, ensinado a obedecer. A escola era suplementar da educação dada em casa, e preparatória para a vida adulta: ler, escrever e contar, é o que ela ensinava. Estas duas instituições – família e escola – sofreram mudanças tão rápidas e tão fortes que sua função de educar muitas vezes passava despercebida. A escola devia ser preparada para tais mudanças. Isto implica em “trazer a vida para a escola. A escola deve vir a ser o lugar aonde a criança venha viver plenamente e integradamente.”<sup>8</sup>

Com relação ao espírito democrático moderno, a escola deve prover oportunidade para a prática da democracia – o regime social em que cada indivíduo conta plenamente como uma pessoa. Direção própria e de participação nas responsabilidades de sua vida comum a todos os envolvidos. Para TEIXEIRA, “a escola é uma réplica da sociedade a que ela serve. A escola tradicional era a réplica da sociedade velha que estamos vendo desaparecer.” A Escola Nova deveria ser, para ele, não uma ruptura com a Escola Tradicional, mas uma reformulação teórica de seus aspectos positivos, de forma que fosse adaptada aos novos anseios da sociedade a que servia.<sup>9</sup>

Para SAVIANI, a proposta da Escola Nova seria um meio pelo qual as elites ascendentes exerceriam seu poder de controle sob as classes pobres, velando por trás de tantas propostas de igualdade numa sociedade onde esta mesma classe já podia usufruir de maior participação. Por trás deste discurso, as escolas, agora com mais acessibilidade aos pobres, não ofereciam a mesma qualidade de ensino que as destinadas às elites.

*Trata-se, pois de uma concepção revolucionária de inovação.*

*[...] Dizer que algo é inovador em relação ao tradicional significa aqui não apenas substituir métodos convencionais por outros. Trata-se de reformular a própria finalidade da educação, isto é, colocá-la a serviço das forças emergentes da sociedade*

---

<sup>8</sup> Anísio Teixeira. “Porque Escola Nova?” *Arquivo Anísio Teixeira*, série produção intelectual, AT Teixeira, A. pi 1930.00.00, CPDOC/FGV.

<sup>9</sup> Idem.

(SAVIANI apud SOUZA, 2006, p.21).

Entre os historiadores, as opiniões sobre o que representou a Escola Nova são, muitas vezes, divergentes, apesar de não se negar que foi um movimento de modernização de fundamental importância na história da educação brasileira. Para LEMME, que viveu e participou desse período:

*Para se entender a importância do movimento e das reformas educacionais deste período, é preciso considerar o que era o Brasil antes disso: um país com uma educação inteiramente elitista, jesuítica, autoritária. Estes homens vieram trazer justamente o progresso que a burguesia, a quem Marx tanto elogiara no Manifesto Comunista, havia trazido. (LEMME In: BUFFA, E. e NOSELLA, P., 2001, p.64)*

Apesar do projeto da Escola Nova e das reformas educacionais feitas por importantes educadores da época ser dados por vezes como elitistas, vimos que representou mudanças significativas em se tratando da expansão do ensino e novos métodos, as quais a sociedade da época, diante da crise da República Velha e da ordem oligárquica, exigia que fossem realizadas em prol da educação. Durante a gestão de Anísio na Diretoria de Instrução do Distrito Federal, foram feitas muitas melhorias no ensino.

*A escola primária, a escola técnica secundária e o ensino de adultos se expandiram e melhoraram sua qualidade. A escola técnica foi um interessante ponto de discórdia, pois não apenas reuniu, pela primeira vez no país, num curso secundário, da cultura geral aos cursos técnicos profissionais, antes existentes apenas ao nível primário, mas também valorizou seus diplomas, além de introduzir a participação dos estudantes, organizados em conselhos, na gestão escolar. As bibliotecas, sobretudo a biblioteca infantil, grande novidade capitaneada por Cecília Meireles, e as bibliotecas de classe dinamizaram a pedagogia. A rádio educativa colocou o governo municipal falando diretamente aos corações e mentes das famílias cariocas. O professor primário foi prestigiado e, pela primeira vez no país, sua formação ocorreu em nível superior na então recém-criada Universidade do Distrito Federal. (...) Lidou com a heterogeneidade das classes populares e de suas crianças dentro delas, mas não o fez, como alguns de seus colaboradores, de forma a identificá-la como carência de atributos intrínsecos do sujeito pobre. Ele deslocou a carência do indivíduo para a omissão dos governos na direção da reconstrução das condições sociais e escolares. Não considerou as classes populares urbanas como obstáculos sociais e políticos e uma carência que não é do indivíduo, mas da cultura erudita que lhe por esse motivo defendeu a educação como instrumento de superação de faz falta. Pôde perceber que a desigualdade entre as pessoas não estava dada. Era feita. (NUNES, 2010)*

Diante das inovações de sua reforma, Anísio passa a ser muito criticado, principalmente pelos grupos católicos, uma vez que ia contra um ato constitucional que garantia o ensino religioso nas escolas públicas. Anísio vê que, para agir com o apoio do Estado, que tinha o apoio da Igreja; precisaria de um partido, filiando-se, então, ao Partido

Autonomista, do prefeito Pedro Ernesto, de caráter democrático. Acusaram-no então de elaborar estratégias de oposição dentro da estratégia oficial, uma vez que sua idéia era tirar a educação tanto do controle da Igreja, como do controle do governo. Sofreu perseguições da política varguista após a Intentona Comunista, sendo acusado de fazer parte do movimento, justificadas pelo caráter subversivo da mobilização cultural e política de sua gestão. Demite-se do cargo em 1935, em carta endereçada a Pedro Ernesto, afirmando suas convicções democráticas. (NUNES, 2000, p. 470-489) Em pronúncia, Getúlio Vargas dizia, confirmando o fato de a educação ser acesso a poucos:

*No período em que nos encontramos, a cultura intelectual sem objetivo claro e definido deve ser considerada luxo acessível a poucos indivíduos e de escasso proveito à coletividade. (PAIM, 1981, p.50)*

Ressalta BOBBIO (1998) que as atitudes críticas dos intelectuais muitas vezes os inclinam para a posição de esquerda. O que aconteceu com Anísio em certo ponto de sua carreira foi ter sido dito como comunista. Em verdade, isso não correspondia à realidade, mas o governo assim acusava todos os que propunham idéias que pudessem afetá-lo de alguma forma. Foi o que Anísio fez ao inaugurar uma universidade com uma proposta liberal, onde não tinha espaço para a intervenção do governo. A UDF era uma instituição voltada para a liberdade.

### Capítulo 3 – Anísio e a criação da UDF

A possibilidade de se organizar a Universidade do Distrito Federal adveio do Decreto n 25.579, de 27 de março de 1933, que regulamentou o funcionamento de universidades estaduais e livres, que eram previstas, além das federais. (PAIM In: SCHARTZMAN, 1982) Muitos educadores partilhavam da idéia da criação de uma universidade livre do poder estatal, e onde fossem integradas a formação profissional e a pesquisa científica.

A Universidade do Distrito Federal é instituída graças ao esforço e iniciativa de Anísio Teixeira, em meio a um governo que vinha se tornando a cada vez mais autoritário. Vargas autoriza o decreto de sua criação, para não perder, em um momento tão conturbado no país, o apoio do prefeito Pedro Ernesto. Na ocasião da inauguração, Anísio ainda ocupava o cargo de Diretor da Instrução. Os cursos foram inaugurados em 31 de julho de 1935, através do decreto 5.513, de 4 de abril. Foi inaugurada com uma escola de educação, uma escola de ciência, uma escola de filosofia e letras, uma escola de economia e direito e um instituto de artes. A nova instituição propunha-se alcançar estes objetivos:

*a) promover e estimular a cultura de modo a concorrer para o aperfeiçoamento da comunidade brasileira; b) encorajar a pesquisa científica, literária e artística; c) propagar aquisições da ciência e das artes, pelo ensino regular de suas escolas e pelos cursos de extensão popular; d) formar profissionais e técnicos nos vários ramos de atividade que as suas escolas e institutos comportarem e) prover a formação do magistério em todos os seus graus.” (PAIM In: SCHWARTZMAN, 1982)*

No discurso de inauguração da UDF, Anísio assim se pronunciou:

*(...) O que a universidade precisa fazer é manter uma atmosfera de conhecimento para preparar o indivíduo que ela serve e que é quem a desenvolve. Precisa preservar o conhecimento vivo, não morto, contido em livros ou no empirismo da prática não intelectualizada. Precisa formular a experiência humana intelectualmente, fazendo-o com inspiração, enriquecendo e vitalizando o conhecimento do passado com a sedução, atração e ímpeto do presente...O conhecimento não é um objeto transmitido das gerações passadas para a nossa. O conhecimento é uma atitude do espírito que lentamente se forma pelo contato com aqueles que têm conhecimento. (TEIXEIRA In: PAIM, 1982)*

O discurso de inauguração da UDF, realizado cinco meses antes do pedido de exoneração de Anísio de seu cargo, denunciava, num tom geral, as oposições que essa iniciativa já sofria, mesmo antes da sua concretização. “(...) com rumores em volta de nós de que somos demais, de que nos sobram instituições de cultura superior e nos faltam escolas primárias.” (FÁVERO, 2004, p.157)

Afrânio Peixoto foi seu primeiro reitor, tratando, nos primeiros meses, da formação do seu quadro docente. No primeiro ano, muitos problemas foram enfrentados pela instituição, entre eles o fato de não terem um lugar adequado a suas atividades; não terem instalações para pesquisa; a reitoria estava instalada em um prédio que pertencia ao Instituto de Educação; as aulas eram dadas na Escola Politécnica e em outra que ficava no Largo do Machado; as aulas de laboratório eram também realizadas em outras instituições. (SCHWARTZMAN, 2001, p.16) Apesar dos problemas, no mesmo período efetua-se a constituição do seu corpo docente e a organização dos seus cursos. Buscavam-se na Europa professores para aquelas áreas em que se considerava não haver, no Brasil, profissionais suficientemente preparados. (FÁVERO, 2004, p.153)

A idéia de Anísio foi a criação de um sistema municipal de ensino integrado, com a finalidade de criar elites intelectuais em todas as atividades e classes; onde a Universidade seria o ápice de um projeto a ser desenvolvido na capital da República, em que a educação superior estivesse em harmonia com os outros níveis de ensino. O Rio de Janeiro era favorável à implantação da Universidade, na medida em que era a capital cultural do país, e, ao mesmo tempo, não o era, visto que era também sede do poder central. (FÁVERO, 2004, p.150)

No nosso caso, não havia articulação entre qualquer grau do ensino, nem do primário para o secundário, e menos ainda do secundário para o superior; a não ser para as classes mais abastadas, que faziam a preparação à parte, o que torna o acesso a um ensino de melhor qualidade acessível a poucos. Podemos observar que o tema, após décadas, ainda é recorrente:

*Assim, a universidade tem sido o lugar da explicitação da irracionalidade de um sistema de ensino em que o primário não cumpre seus objetivos, que são adiados pelo secundário, acudidos pelo cursinho em regime de urgência, e 'presumivelmente' supridos pela universidade. Dessa forma cabe a questão: quando vai se inaugurar a universidade da universidade? (ORLANDI :, 1988, p.31)*

A legislação vigente, com a reforma Francisco Campos, direcionava-se de forma a dar maior atenção ao ensino secundário, e, de acordo com ela, “a Faculdade de Educação, Ciências e Letras, ‘além de ser uma instituição de cultura avançada e ciência pura deve ser, antes de mais nada, um instituto educacional no qual possam ser encontrados todos os elementos vitais para treinar nossos mestres, especialmente os de nível primário e secundário.’ Em outras palavras, a Faculdade de educação, Ciência e Letras seria uma escola

de formação de professores.” (SCWHARTZMAN, 2001, p.12) Quer dizer que os professores deveriam ser ensinados de forma a educar seus alunos a obedecerem os revezes do sistema, onde havia uma polarização entre a educação do povo, para o trabalho, e a educação das elites, esta sim, para a vida acadêmica. Para tanto, isto não poderia se concretizar em uma Universidade autônoma, longe do poder federal, no momento em que forças revolucionárias ameaçavam a ordem nacional. Nesse meio, a UDF apresentava proposta contrária:

*O pensamento autoritário já havia regulamentado a Universidade em praticamente todos os seus aspectos, no ano de 1931, o que denunciava seu caráter coercitivo e centralizador apesar do discurso ‘pluralista’ que aparece na Reforma Francisco Campos. Contra as investidas dos católicos e a centralização imposta por Campos, a UDF pretendia ser o centro de um pensamento livre e desinteressado como o defendiam as propostas da Associação Brasileira de Educação e da Academia Brasileira de Ciências.” (NUNES, 2000, p.316)*

Os revolucionários de 1930 haviam se dividido entre esquerdistas, que incluíam Pedro Ernesto, prefeito do Rio, e direitistas, personificados pela Igreja, por Francisco Campos e militares favoráveis ao governo de Getúlio. No fim de 35 os comunistas tentaram apoderar-se do governo com um golpe militar, o que levou à violenta repressão, causando a deposição e prisão de Pedro Ernesto. Anísio nunca foi comunista, mas via que seu pensamento com influências liberais norte-americanas não eram favoráveis ao governo repressivo. (SCHWARTZMAN, 2001, p. 14) Pouco antes, Anísio, por sofrer perseguições do governo, havia solicitado sua demissão, quando voltou para a Bahia.

Gustavo Capanema assumiu o Ministério da Educação em 1934, e tinha como um de seus planos criar uma universidade nacional que se ajustasse ao projeto proposto anos antes por Francisco Campos, e que preenchesse os termos do acordo entre Getúlio Vargas e a Igreja católica. Tinha grande influência de Alceu Amoroso Lima, líder católico. Assim, a UDF é reorganizada através do Decreto Municipal 6.215/38, onde assim se pronuncia o Ministro Capanema:

*A existência da Universidade do Distrito Federal constitui uma situação de indisciplina e de desordem no seio da administração pública do país. O Ministério da educação é, ou deve ser, o mantenedor da ordem e da disciplina no terreno da educação. [...]. É preciso, a bem da ordem, da disciplina, da economia e da eficiência, ou que desapareça a Universidade do Brasil, transferindo-se os seus encargos atuais para a Universidade do Distrito Federal, ou que esta desapareça, passando a Universidade do Brasil a constituir o único aparelho universitário da capital da República .(CAPANEMA In: Fávero, 2004, p.159)*

Assim, é extinta a única universidade de “ensino mais livre, mais moderno e mais pesquisador que nos restava no Brasil. (...) Esse espírito, mesmo conservados os atuais



professores, não conseguirá reviver na Universidade do Brasil, que a liberdade é frágil, foge das pompas, dos pomposos e das pesadas burocracias.” (ANDRADE In: FÁVERO, 2004, p.160)

A idéia que Anísio apresenta de como deveria ser é de uma universidade que articule com todos os níveis da cultura, que ela deve gozar de liberdade para que assim possa ser, por isso o Estado deve dar condições para que isso ocorra, participando do seu funcionamento, sem nele intervir. Assim, a universidade ajudaria o tanto o Estado como outras instituições, uma vez que dela vem o saber. Seus efeitos abrangeriam toda a sociedade. Seria como a separação que se dá com a Igreja, uma instituição independente. Até então, o que ela tem feito é reproduzir desigualdades.

O ensino superior dá continuidade a esse processo de reprodução das desigualdades. É, ainda, um grau de ensino para poucos em nosso país. Apesar de a acessibilidade ter aumentado, com sistemas de cotas e programas de financiamento estudantil, ainda é uma modalidade de ensino pensada para as elites. Mesmo entre os que conseguem ingressar na universidade, temos uma grande parcela que não consegue manter-se e concluir os estudos. Quanto aos cursos, temos parte deles voltados para a elite – muitos com a transmissão hereditária dos privilégios, onde pessoas de uma mesma família por vezes escolhem a mesma profissão – e parte para as classes intermediárias.

O sistema de ensino é, dissimuladamente, como diz o autor, um grande meio de reprodução das desigualdades sociais. Desde a escola até o ensino superior, podemos observar tal fato. Tem acesso à melhor educação quem tem condições econômicas para tanto, pois o poder público não garante que esta tenha a mesma qualidade para todos. E a educação ocupa cada vez menos espaço na lista de prioridades em nosso país. Resta-nos a esperança de que algum dia o quadro se reverta.

*A sociologia das instituições de ensino e, em particular, das instituições de ensino superior, pode trazer uma contribuição decisiva à ciência da dinâmica da estrutura das relações de classe, problema muitas vezes negligenciado pela sociologia política. Na verdade, dentre as soluções historicamente conhecidas quanto ao problema da transmissão do poder e dos privilégios, sem dúvida a mais dissimulada e por isso mesmo a mais adequada a sociedades tendentes a recusar as formas mais patentes da transmissão hereditária do poder e dos privilégios, é aquela veiculada pelo sistema de ensino ao contribuir para a reprodução da estrutura das relações de classe dissimulando, sob as aparências da neutralidade, o cumprimento desta função. “(...) Eximindo-se de oferecer a todos explicitamente o que exige de todos implicitamente, quer exigir de todos uniformemente que tenham o que não lhes foi dado, a saber, sobretudo a competência lingüística e cultural e a relação de*

*intimidade com a cultura e com a linguagem, instrumentos que somente a educação familiar pode produzir quando transmite a cultura dominante. (...) (BOURDIEU, 2009, p. 296-306)*

No caso da universidade pensada por Anísio Teixeira, tinha grande influência da universidade americana, que é projetada para formar elites em várias categorias profissionais, com a função de serviço.

Anísio tem como exemplo as Universidades de Oxford e Cambridge, para as quais a valorização e a permanência da cultura clássica foram de grande valia, em nenhuma outra podemos encontrar a fidelidade às nossas origens, representando o saber desinteressado, sem vínculos imediatos com a aplicação, na maior sociedade industrial do planeta. Estas duas universidades são exemplos importantes para nos esclarecer qual é a verdadeira missão da universidade.

Oxford foi até o séc. XIX e começo do XX, a universidade por excelência de ensino e não vocacional, ou seja, não profissional. O ideal dessa universidade não era utilitário. Presumia-se que se a pessoa tivesse aprendido a escrever versos nas duas línguas clássicas – grego e latim – e conhecimento particularizado de dois períodos da era pré- cristã, além das doutrinas dos filósofos Platão, Kant, Aristóteles e Mill, poderia ser diplomata, administrador etc., pois seria um homem capaz de refletir. Assim, a universidade era um centro de exercício mental, e não de transmissão de saberes. Com a insistência pela qualidade dos estudos, essas duas universidades formaram a elite britânica. (TEIXEIRA, 1977, p.226)

A universidade no Brasil ainda era retrógrada se comparada com outros países. Anísio toma como a grande missão da universidade o papel de formar, além de cientificamente, formar a mente da sociedade para lidar com as mudanças. O homem tem de aprender a lidar com o progresso da ciência, que vem se dando tão rápido que acabamos não dando conta, não cuidamos da parte humana, espiritual das coisas. Muitas vezes o homem acaba por utilizar do próprio progresso para destruição uns dos outros, em guerras, atentados etc. Essa não é ou pelo menos não deveria ser a função da ciência. Pelo contrário, seu propósito é de ajudar a vida dos homens na Terra. Na correria dos nossos dias, cada vez mais, deixamos de dar atenção a coisas pequenas, mas ao mesmo tempo essenciais, estamos vivendo num total individualismo, em busca de mais poder.

Anísio pôs como desafio às universidades esse de desenvolver a nação e as pessoas de forma que soubessem lidar com o progresso. Ele acreditava que até o fim do século a

maturidade do homem formado pela universidade fizesse com que ele soubesse que o mesmo êxito alcançado na vida material pudesse dar-se na vida emocional e social. Mas essa universidade estava preparada pra isso? Porque, infelizmente, não chegamos a tal estágio.

## CONCLUSÃO

O projeto de Anísio Teixeira na criação de uma universidade inovadora com relação às demais instituições universitárias no país foi o primeiro, em nossa história, instituído de forma autônoma, como locus de pesquisa, onde pudessem conviver formação científica e humanismo, de maneira a formar elites dirigentes em várias classes profissionais.

A universidade em nosso país sempre foi dirigida á classe dominante, as oportunidades nunca foram e ainda não são distribuídas de forma igualitária. Percebemos que a escola é um importante fator de reprodução das desigualdades, que ficam ainda mais perceptíveis no nível superior. Temos hoje políticas assistencialistas que procuram “remediar” o que um sistema desigual vem reproduzindo há muito tempo, o que faz com que mais pessoas tenham acesso á universidade, mas não necessariamente consigam se manter e, ao mesmo tempo, faz com que a mesma perca muitas vezes em qualidade; e o problema não é de fato resolvido.

Isso nos faz pensar que a universidade sempre foi pensada como uma instituição voltada para a elite, nunca foi democrática, numa sociedade que assim se diz, mascarando as diferenças. Quando houve o projeto de uma universidade diferente, sua duração foi muito curta, rapidamente burlada pelo poder central, uma vez que não é interessante para as elites que as classes ditas “inferiores” tenham acesso ao mesmo conhecimento, eles só precisariam de conhecimentos básicos necessários ao trabalho, este preciso para que se mantenham no poder.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

### **1. Fontes selecionadas de arquivos privados organizados pelo CPDOC/FGV-RJ.**

#### **ARQUIVO AFRÂNIO PEIXOTO.**

Verbete Bibliográfico.

#### **ARQUIVO ANÍSIO TEIXEIRA.**

\_Série Produção Intelectual

AT pi Teixeira, A. 1927.04.27

AT pi Teixeira, A.1930.00.00

\_Série Correspondência

AT c 1928.06.22

\_Série Fotografias

AT foto 058

AT foto 001

AT foto 088

### **ARQUIVO LOURENÇO FILHO**

LF foto 021

### **ARQUIVO HERMES LIMA**

HL foto 037

### **ARQUIVO PEDRO ERNESTO BATISTA**

PEB foto 117

## **2. Livros e artigos consultados.**

AZEVEDO, F. “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”. In: *História da Educação Brasileira*. São Paulo, Cortez, 2008.

BOBBIO, N. (Org.). *Intelectuais* In: *Dicionário de Política*. Brasília: Ed. UNB, 1998.

BOURDIEU, P. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BUFFA, E. NOSELLA, P. *A Educação Negada: Introdução ao Estudo da Educação Contemporânea*. 3. Ed. São Paulo, Cortez, 2001.

CÂMARA, Sônia. *Sob a Guarda da República: a infância minorizada no Rio de Janeiro da década de 1920*. Rio de Janeiro: Quartet, 2010.

CARVALHO, M. M. C. de. *Molde Nacional e Fôrma Cívica: Higiene e Trabalho no Projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. SP. Tese de doutoramento, FEUSP, 1986.

- CARVALHO, M. M. C. de. Por Uma História Cultural dos Saberes Pedagógicos. In: Cyntia Pereira de Souza; Denice Barbara Catani. (Org.) *Práticas Educativas, Culturas Escolares, Profissão Docente*. São Paulo: Escrituras, 1988, v., p. 31-40.
- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.
- CORDEIRO, C. M. F. *Anísio Teixeira: Uma “Visão” do Futuro*. Estudos Avançados. Vol.15, n.42. São Paulo, mai./ago, 2001.
- DEWEY, J. *Experiência e educação. Atualidades Pedagógicas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.
- ESTATUTO DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS. Senado Federal, Subsecretaria de Informações, 2011.
- FÁVERO, M. L. A. *A Universidade no Brasil: das Origens à Reforma Universitária de 1968*. Educar em Revista. nº. 28, 2006, pp. 17-36.
- FÁVERO, M. L. A. *A UDF, Sua Vocação Política e Científica: um legado para se pensar a Universidade hoje*. Pro-posições, v.15, n.3 (45) – set./dez, 2004.
- GHIRALDELLI JR., P. *História da Educação Brasileira*. São Paulo: Cortez, 2008.
- GINZBURG, C. Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário. In: *Mitos, Emblemas, Sinais: Morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- LOVISOLO, H. R.. *Positivismo na Argentina e no Brasil*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 19, n. junho, p. 66-84, 1992.
- NUNES, C. Anísio Teixeira: *A Poesia da Ação*. Bragança Paulista. SP: EDUSF, 2000.
- NUNES, C. *Anísio Teixeira*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/ Ed. Massangana, 2010.
- ORLANDI, E. P. A Função Mais Própria da Universidade e Sua Configuração Histórica. (In) *Discurso e leitura*. Cortez. SP. 1988.

ORSO, P. J. O Surgimento Tardio Da Universidade Brasileira Segundo a Ótica De Roque Spencer Maciel De Barros. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.3, n.1, p.1-13, dez.2001.

PAIM, A. Por Uma Universidade no Rio de Janeiro. In: Simon Schwartzman. (Org.). *Universidades e Instituições Científicas no Rio de Janeiro*. Brasília: CNPQ, 1982.

PAIM, A. *A UDF e a idéia de universidade*. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1981.

SAVIANI, Dermeval. A Filosofia da Educação e o Problema da Inovação em Educação. In: SOUZA, Maria das Graças Galvão de. *INOVAÇÃO EM GESTÃO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA: QUESTÕES CONCEITUAIS*. Ministério da Educação/ SEB/ DPR/ INEP, 2006.

SCHWARTZMAN, S. *Um espaço para a ciência: Formação da Comunidade Científica no Brasil*. Brasília: Ministério de Ciência e Tecnologia. Tradução de Sérgio Bath e Oswaldo Biato, 2001.

SCHWARTZMAN, S. (Org.). *Universidades e Instituições Científicas no Rio de Janeiro*. Brasília: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 1982.

TEIXEIRA, A. S. *Educação e o Mundo Moderno*. São Paulo: Ed. Nacional, 1977.

VELHO, G. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1987.

WACQUANT, L. J. D. *O Legado Sociológico de Pierre Bourdieu: Duas Dimensões e Uma Nota Pessoal*. University of Califórnia, Berkeley. Centre de Sociologie Européene Du Collège de France, 2002.

XAVIER, Libânia. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova Como Divisor de Águas na História da Educação Brasileira. In: XAVIER, Maria do Carmo. (org). *O Manifesto dos Pioneiros da Educação: um legado educacional em debate*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.



